3 1761 07048245 0

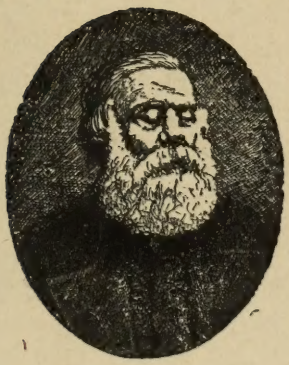
*Obras completas*

*de A. F. de Castilho*

XLI

# *Casos do meu tempo*

*VOLUME III*



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
*95, Rua Augusta, 95*
1906

Marcos Filipe da Silva Ferreira
Ten. Art.
Caxias / Setembro / 1944

OBRAS COMPLETAS

DE

# ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 41.º

# VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLI—Casos do meu tempo (3 vol.)

NO PRÉLO:

XLII—Casos do meu tempo (4.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

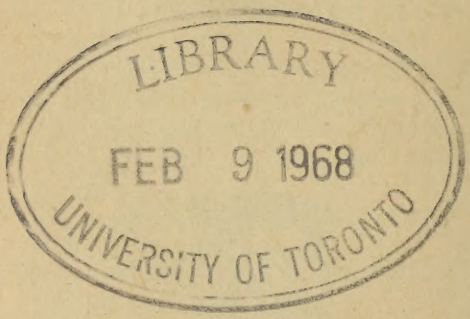
XII

# CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
*Sociedade Editora*
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

PQ
9261
C34C35
v.3



# LXVI

## Acclamação de D. João IV

(1.º de Dezembro de 1842)

A ressurreição de um Reino em um só dia, depois de jazer sessenta annos em um sepulcro, e sepulcro atalaiado de gigantes, é um successo tão estupendo, que parece todo traçado, e todo executado, pela Providencia.

*

A Corôa portugueza, despedaçada em Africa, tinha-se fundido na grande Corôa de Castella. A rica herança de D. Manuel jazia atenuada sob os pés do 4.º Filippe; e as leis d'este seu descendente, por linha feminil, eram acatadas n'um canto do Alemtejo pelo Duque de Bragança descendente seu por varonia; e Portugal não podia mais do que murmurar, porque as suas frotas, os seus exercitos, as suas praças, os seus governos, as suas autoridades, tudo que podia desertar, havia desertado. O que se podia destruir havia-se destruido. O que se podia transformar, havia-se transformado, excepto os corações dos Portuguezes, que eram ainda, e sempre, Portuguezes, e corações.

Não foi o Duque de Bragança, não foi um homem, quem redimiu esta generosa gente; foi ella mesma, que se redimiu a si, e mais a elle.

*

D. João, para que tudo n'esta singular façanha apparecesse milagroso, viera ao mundo, tão pobre de heroicidade, como de Estados; tão vazio de poder, como de valor para o conquistar.

Tinha todas as boas qualidades domésticas; haveria sido um obscuro e excellente pae de familias, um Fidalgo mui bemquisto de seus visinhos; e n'um claustro (se o acaso para lá o tivesse lançado) o mais resignado, o mais perfeito Religioso.

Os Portuguezes não tinham só de converter, pela secreta alchimia da virtude civica, o ferro de seus grilhões em oiro, e fundil-o em Sceptro, e offerecer-lh'o, se não tambem forçarem n-o a pôr n'elle os olhos, e conduzirem lhe a dextra relutante, para que o empunhasse.

Pinto Ribeiro, e a fidalguia, e os populares, tinham quasi tanto que temer da fraqueza do Rei que faziam, como das forças do Rei que desfaziam; ¡e Deus sabe qual teria sido a sorte de todos esses virtuosos temerarios, e em que abysmos nos haveria despenhado o seu vencimento, se, pôr outro milagre divino, a alma, que a Natureza não dera ao predestinado para o Throno, lh'a não tivesse, como quer que fosse, infundido uma mulher!

A Duqueza de Bragança, Castelhana, foi quem, pela magia do amor, pela ascendencia

do genio e da virtude, o transmudou de alguma sorte em Varão, e em Portuguez.

Vingado e acclamado a 1 de Dezembro, D. João era emfim coroado Monarcha vinte e cinco dias apóz; e ás festas da Redempção do Mundo pelo nascimento do Filho de Deus se acrescentavam as do filho dos Reis redimido pelo seu Reino.

A Mão de cima, cuja era a obra, não empregou menos prodigios para a conservar.

O Leão de Castella, para se não arremeçar sobre a preza que lhe fugia, viu-se desatinado com guerras, e ardendo entre tres fogos: da Hollanda, da França, e da Catalunha; em quanto Portugal, pelo jogo politico da Europa n'este praso, se enlaçava, por tratados e affeições, com Estados fortes e florescentes.

Emfim: na revolução para a Liberdade, ou não houvera traidores, ou, se os houvera, foram a tempo conhecidos. O segredo permaneceu inteiro até á hora, em que a pistola de Pinto o revelou a todo o mundo, ás portas dos paços, por debaixo das salas descuidadas e risonhas dos usurpadores; e quando, depois, uma nova conjuração tramou pôr fogo a esses mesmos paços, restituidos a seu dono, assassinal-o, e com elle a Patria, o horroroso segredo por si mesmo se descobriu, e o cutello do algoz decepou as cabeças á sedição.

*

Se D. João foi um Principe pusillânime, foi um Rei bondoso e amigo da Patria. Esta gloria não peza menos do que ess'outra.

Os seus Descendentes podem cital-o sem pejo; mas os descendentes dos que o levantaram sobre seus escudos, esses... (todos nós o somos) podem recontar um tal feito com ufania.

*

Quasi dois seculos depois, outro Duque de Bragança vinha, por outra série de milagres, effeituar segunda Restauração; mas ¡ com que gloriosas differenças para o seu nome!

A Victoria forçára a D. João; D. Pedro forçou a Victoria.

A Patria chamou por D. João; D. Pedro chamou pela Patria.

D. João não ousou correr perigos para cingir um diadema; D. Pedro, descingindo dois, expoz-se aos maiores perigos, para subir... de Imperador e Rei, a Duque e Cidadão.

E, por que em nenhum ponto o Descendente cedesse vantagens ao Ascendente, a Duqueza de Bragança, que Deus Guarde, ainda mais representante de glorias hereditarias, do que a Duqueza de Bragança, que Deus Haja, não as tem menores do que ella por talentos, por virtudes proprias, e por amor á sua adoptiva Patria portugueza.

*(Rev. Univ.)*

## LXVII

## Enigma fossil

(Dezembro de 842)

Em uma das noites de Setembro, foi tanta a copia de chuva na cidade de Madrasta, que a egreja cathedral de S. Thomé, cujo pavimento jaz dois pés mais fundo que o da via publica, foi, pela sua porta do sul, entrada da cheia. O Bispo eleito, para evitar que tal se repetisse, deu ordem para se fazerem junto áquella porta certas obras de segurança.

O artifice, que já para ellas cavava o alicerce, dá com o alvião em pedra, que lhe impede ir avante. Chamam-se novos alviões para o ajudarem a descobrir o que a pedra seja; se não quando, apparece uma formosa e valente columna de granito, estirada na fundura de seis pés a baixo do pizo da rua, inteira e inteiriça, e com o capitel encostado ao alicerce da egreja.

Treze pés tem de comprido; a base quadrada, e com 2 pés e 8 polegadas por banda; tem sua feição de molduras. O capitel tambem é quadrado, e tem de largura 2 pés e 4 polegadas. A circumferencia do fuste, onde péga com o capitel, é de 6 pés e 4 po-

legadas, e, junto á base, de 6 pés e 7 polegadas. E' o fuste abraçado de 16 anneis, ou zonas, da mesma pedra, de 5 polegadas e meia cada uma. Dão-lhe de pezo passante de 35 mil libras.

Não ha coisa que mais atráia a curiosidade, do que os partos artisticos da terra. Ferviam a contemplar a desenterrada, assim os naturaes como os europeus; e entre todos, discrepando as sentenças no tocante á origem da antigualha, era comtudo concorde o parecer de que, não longe d'aquella, havia de jazer alguma outra columna egual, ou qualquer outro remanescente de Architectura, que muito importava esquadrinhar.

Mandou o Prelado continuar na obra da excavação, por todo o terreno adjacente á Cathedral pela banda do sul. Não tardou que apparecesse segunda achada.

D'esta vez não era uma ruina de Arte, se não uma ruina humana. Em vez de uma columna derribada, um sepulcro de mulher, no qual se liam em linguagem portugueza, sem nenhuma outra memoria de era, as seguintes palavras:

NESTA CALHETA ESTÁ SEGURA
LIVRE DE CORRENTES E MARES.
DEBAIXO DESTA PEDRA DURA
JAZ MARIA DE LINHARES

Esta campa não excedia de 6 pés em comprido e 3 de largo.

Passou-se a diante com a diligencia; appa-

rece outra lápida, porém menor, e com a seguinte inscripção tambem sem data:

SEPULTURA DE BRAZ GLENZ∃D E SEUS HERD∃IROS

Ao outro dia ressurgiu ainda outra pedra funebre, que dizia:

...INAIRO GERAL QUE FOI
DESTA CIDADE E DE TODA A COSTA DE PESCA RIA FALLECEU NA ERA DE 1635 ANNOS

Finalmente, alongando-se o descobrimento até o indireito da sacristia, ahi se foi dar com a esperada e suspirada irman da columna, egualmente estendida e inteira, com a base encostada á parede da mesma sacristia, e o capitel á do templo.

Ambas as ressuscitadas estão já em pé, e vão ser postas, por ordem do Ex.$^{mo}$ Bispo, diante da porta do sul da egreja, para ahi servirem a um projectado futuro portico.

Por estas duas pedras, conta o jornal inglez d'aquella cidade intitulado *The Atheneum*, que offereciam os Brâmines gentios 700 rupias; e o correspondente do *Pregoeiro da Liberdade*, de Bombaim, acrescenta, que 1:000, e ainda mais dariam elles, se o Bispo as quizesse vender.

Muito disputam os europeus moradores da terra acerca d'esta achada. Querem uns, que fossem as columnas lavor de Portugue-

zes, e que já outr'ora estiveram em pé diante da mesma porta onde as repõem; e que o motivo de se terem vindo a baixo sería algum d'esses furacões incontrastaveis, que ás vezes cursam por aquella cidade. Outros contendem que foram obra de Hindús gentíos, pelo muito que semelham, na feição e mau gosto, ás dos seus antigos pagodes; conjecturando que, em tempos atrazados, e de anoitecida memoria, haveria n'aquelle mesmo sitio alguma casa de oração de suas gentilidades, sobre cujos destroços fundariam os Portuguezes a sua egreja.

(*Rev. Univ.*)

## LXVIII

### Prisão de salteadores

(Dezembro de 1842)

De uma carta, que de Santo Thyrso nos escreve o snr. J. J. de O. extrahimos o seguinte:

Na freguezia de Covellas, pertencente a esta Comarca, representou-se no dia 9 d'este mez um bello acto de justiça popular contra quatro perturbadores do publico socego. Eram estes uns bandoleiros, que, tendo-se assenhoreado da estrada, pela bôcca de seus bacamartes exigiam dos passageiros, em direito de passagem e resgate das vidas, a cedencia total e pronta de quanto levavam.

Deu rebate nos povos a novidade; acudiu gente armada; colheu-os em flagrante. Os que já se davam por victimas recobram ânimo; os malvados são constrangidos a retirar, mas vão juntos, vão firmes, vão respondendo atrevidamente com tiros aos de seus perseguidores. Um já cahiu atravessado por uma bala pelos peitos; é o João França. Os tres restantes fogem para dentro de uma visinha matta, d'onde continuam a chover tiros; é retardar, mas não pode ser impedir, a ultima ruina. Por todas as partes estão cercados;

a ousadia geral cresce com a indignação; o circulo de vingança que os rodeia, vem-se apertando de minuto para minuto. São desarmados, prezos, amarrados, e conduzidos, com grande alvorôço de todos, para as cadeias de Santo Thyrso.

Um dos que mais se assignalaram n'esta honrada facção popular, foi o Prior de Covellas.

Mal se acommodam glorias de valentia com a mansidão clerical, por muito justa e santa que seja a empreza em que se ganham. Mas o Parocho de Covellas chorava, havia dois annos, a morte, ainda inulta, de seu pae assassinado pelos salteadores.

(*Rev. Univ.*)

## LXIX

### Industrioso furto

(Dezembro de 1842)

Obter arroz sem o cultivar, nem o comprar, nem o roubar, nem o achar, nem o pedir... parece um problema embaraçoso, mas não é irresoluvel. Maria, mulher de João de tal, em Guimarães, o desatou, por meado Outubro pretérito, de um modo, que, se a patente de invenção lhe pode ser contestada, a de introducção não consentiremos nós que alguem lh'a impugne.

Era noite. Não via, a triste, com que engenhar a ceia, nem dinheiro com que o mercar; e entretanto, era forçoso que ceasse.

Quem nada tem, pode ao menos phantasiar á medida do seu gosto: phantasiou arroz a snr. Maria.

Pega n'uma panella, mette a no regaço embrulhada com a capa, vai-se á tenda, manda pezar uns poucos de arráteis; era mulher arranjada; gostava de se prover por junto.

Recebe na panella a encommenda, mas, cahindo de repente em si, e lembrando-lhe que lhe esquecia o melhor para o mercieiro,

—Valha-me Deus, snr. Fulano — diz ella

suspirando; — deixe-me ficar aqui isto, em quanto chego a casa pelo dinheiro.

Assenta a panella sobre o mostrador, e sai.

Quando, uma hora depois, o caixeiro a tomou para a arrumar a um lado, descobriu que era feita segundo o padrão da urna das Danáides: tudo tinha de vaso... menos o fundo.

Foi a fome quem ensinou as pêgas a falar, disse um poeta latino. Agora, vemos que a outra sua prenda tambem a fome lh'a ensinaria.

*(Rev. Univ.)*

# LXX

## Violencias do mar

(Dezembro de 1842)

Dois dias depois dos naufragios da Ilha da Madeira, memorados no artigo 1:064, e no dia mesmo em que, pelos arredores de Cintra, a subita enchente dos rios dava assumpto ás tristes relações dos nossos artigos 1:010, e 1:049, investia o mar com inaudita braveza a outras remotas partes do nosso territorio.

Das 2 para as 3 da noite de 28 de Outubro, foi a Ilha Terceira insultada d'um crescimento das aguas, que, posto não viesse a causar grandes prejuizos, não leve terror diffundiu pelos moradores.

Parte do caes de Angra foi inundada e varrida de consideraveis médas de lenha que se n'elle achavam.

Para o lado de S. Matheus, derrubou o mar um grande lanço de muro de uma vinha, e um palheiro.

No Porto-Novo, a baixo da villa de S. Sebastião, onde é mais fundo, galgou pela rocha até á altura de 20 palmos, e arrebatou de uma furna um fato de 30 cabras que lá costumavam pernoitar, passando além da

trincheira, e do arco grande da Ribeira Sêcca.

Na villa da Praia da Victoria entrou até ao Paúl, levando mais de trinta grossas pedras ao forte da Luz, que não pouco ficou desmantelado, e parte da bateria entre o mesmo forte e S. Francisco.

O forte do Porto tambem padeceu assaz, vendo-se a sua guarda obrigada a desamparal-o, e valer dos pés para se não ir engulida.

A não serem as diligencias, com que os pescadores, afrontando perigos de vida, acudiram aos seus barcos, varados no areal, arrastando-os para as abas da ladeira da serra, nem um só d'elles lhes escapava.

Quando, alvorecido o novo dia, outros pescadores de S. Matheus, que se andavam fora, vieram querendo recolher, encontraram por toda a parte o rôlo tão alteroso, e a vehemencia da ressaca tão inhóspita, que só a poder de mui porfiado exfôrço, muito ajudados pelos da terra, e atravéz de evidentes riscos, poderam conseguir assentar outra vez os pés no chão, de que já não faziam nenhuma conta.

Até ás 10 da manhan aturou sem respiro a ameaçadora descompostura do elemento, sendo muito para acrescentar a confusão dos insulanos o verem, que toda a guerra das ondas só fervia e trovejava em derredor de sua vivenda, ao mesmo passo que, menos de meia milha para fora d'ella, todo o Oceano jazia quêdo e bonançoso.

Na Ilha do Pico foi tambem grande a invasão, chegando na ponta do Pico a salvar

desde a Piedade até á Manhanha; porém estragos de maior vulto, nenhuns ainda consta que fizesse.

Na Ilha de S. Jorge, do Tôpo até á Urzellina, foi coisa extraordinaria, mas tambem não consta de maiores ruinas.

«¿Quem será hoje capaz—pondéra judiciosamente o Redactor do *Angrense*—quem será hoje capaz de desvanecer a ideia, que o povo rude conserva, de que no dia 28 de Outubro entram os diabretes no mar?»

(*Rev. Univ.*)

## LXXI

### Mais violencias do mar

(Dezembro de 1842)

Vai por cerca de meio mez, que o inverno, ganhando por mão ao outono, nos traz os ceos escuros, os ares destemperados, as terras entristecidas, e as aguas revôltas e intrataveis. O Tejo anda levantado e soberbo; alguns barcos, vindos de cima para esta cidade carregados de castanha, sossobraram, constando haverem com elles perecido duas ou tres pessoas.

Dois navios, surtos defronte dos nossos caes, rebentada a amarração, foram-se de encontro um ao outro, não conseguindo, senão com grande custo, arrancar-se do funesto abraço com que largo espaço andaram travados.

Uma galera sueca, em a noite de sabbado para domingo, vindo para entrar carregada de chumbo e aduellas, veio remessada contra a margem perto do sitio de Belém, onde encalhou.

Um brigue francez, querendo abocar a barra, foi feito pedaços sobre os cachopos d'ella.

Uma corveta franceza, que se abalára na conserva do senhor Duque d'Aumale, veio outra vez, repulsada do Oceano, refugiar-se dentro ao porto.

Um vapor da mesma Nação sôa que se perdêra nas alturas de Cascaes.

Os tiros de artilharia, signal de navio em perigo, teem sido ouvidos ao longe, e a diversas distancias, especialmente de noite.

N'esta mesma hora, 8 e meia da noite de 29 de Novembro, por entre o estrépito de um forte chuveiro, nos chegam com o vento da barra alguns d'estes sons lugubres, que ás phantasias mais geladas revelam as scenas mais terriveis. E' de temer que se estão realisando desastres. ¿Quem lhes acudirá? ¡talvez que ninguem o possa!...

De bôcca em bôcca se anda repetindo, que uma embarcação ingleza recemchegada refere, ter visto na altura dos Açores a fragata brazileira, que d'estas praias se tornava para as suas, tocar em um baixo, desfazer-se, e sumir-se, sem ficar d'ella uma só vida.

Se assim fosse, tinhamos de orar por mais de quatrocentos irmãos nossos, que lá se iam, fascinados de vans esperanças, trocar a Patria pelo desterro, os amigos pelos senhores, e a pobreza pela penuria.

Felizmente, das miudas e escrupulosas investigações, que havemos feito para descobrir a verdade, tirámos convencimento de que o boato é inteiramente sem motivo. A embarcação, que se dizia portadora da noticia, nada contou, nem sabe a tal respeito; o nosso Arsenal está no mesmo caso; e a Legação brazileira n'esta Côrte, sollícita como bem se poderá suppor, ao constar-lhe da balela tudo interrogou e sondou, e de nenhuma parte lhe veio nem a mais leve desconfiança de assim ter sido. *(Rev. Univ.)*

## LXXII

### Perigos de observar á risca o Mahometismo

(Dezembro de 1842)

De Gibraltar se partiu para esta côrte *Hagi Abdsalam Bin Amour*, cubiçoso (ao que parece) de contemplar as maravilhas, que da nobreza e formosura da terra, assim como da boa sombra e acolhimento dos naturaes, lhe encarecêra o seu conterraneo *Cidi Abdsalam Abrudi*, ao pojar ali na volta para Marrocos.

E' este Moiro *Bin Amour* moço de vinte e seis annos, de presença nobre e gentil, e entre os seus de grande valia, por ser aparentado na casa do Imperador, e havido pelos outros *Talébes*, ou doutores do *Koran*, como grande sabedor e letrado.

Na sua romaria á Mecca discorreu pelas mais opulentas e esplendidas cidades do Oriente, coroando a sua larga peregrinação com a vista da *Pérola do Occcidente* (como no fervor do seu enthusiasmo, lhe pintára Abrudi a nossa Capital).

Aqui andou seguro e agazalhado de todos por seus modos cortezes; até que a vista do

turbante e caphtan acendeu as iras de um *beduino* da rua do Oiro.

Era este um marceneiro, pouco sabedor (segundo o successo patenteou) dos ritos islâmicos; o qual, vendo-o entrar para a escada contígua á loja, e agachar-se por traz da porta, imaginou que era acto como o do pintor allemão no Colliseu, e que, em sahindo o Oriental, não havia de ficar a sua loja perfumada de nenhuns *sândalos* nem *aloës*. Embravece se, e arregaçando os braços, troveja ameaças sobre a cabeça do filho do Propheta.

Traçava o coitado desculpar a offensa (que nenhuma havia); explicava-lhe, pelas palavras mais arabes que sabía, que a precisão a que satisfazia era, em indecencia, muitos furos a baixo do que elle cuidava; e que, se o tomára n'aquella postura, era só porque sua Lei lh'a ordenava expressamente para taes casos, sob pena de ficar, como homem salpicado de impurezas, inhabilitado para testemunha, privado de muitos privilegios, e incapaz para tornar a pôr pés em Mecca ou em Medina.

Mas... *estava escrito* que o inacepilhavel coração de roble do nosso marceneiro não responderia á eloquencia theologica do peregrino, senão com a logica dos punhos. Entrou pois a servil-o de muitas bofetadas, e a depennar-lhe as barbas.

Com as vozes que levanta a victima, cresce a raiva e desatino do agressor; leva de uma alentada tranca, e desanda-lhe repetidas vezes. Junta-se povo; e o que primeiro era burburinho, converte-se em tumulto.

O snr. Verissimo José Baptista, que passava por acaso, rompe pelo alvorôto e arranca das garras do novo *Traga-Moiros* o espancado, tão espavorido e fora de acôrdo, que nem quasi se podia menear.

D'este desastre lhe nasceu ao depois uma grave enfermidade, para a qual, no seu desamparo, todo o remedio lhe fallecia. Soccorreu-se ao snr. Padre Manuel Rebello da Silva, profundo classico da Lingua arábia, e *o mais sabio de todos os infieis*, segundo é corrente em Berberia, para este haver de lhe conseguir um quarto decente no Hospital.

Sobre officio d'este snr. acudiu logo a Providencia, não qual o Moiro a esperava e pedia, mas outra mais cabal: o Ex.^mo^ Ministro dos Negocios Estrangeiros, o snr. José Joaquim Gomes de Castro, assim como lhe constou a noticia, manda aparelhar em sua casa um aposento, e conduzir para lá o hóspede, acudindo ao curativo com tamanho extremo, que nem melhor nem diverso caberia a filho querido e mimoso.

Agradecemos ao Ministro, que remiu assim este Reino da suprema afronta, de ser apregoado (até por terras de Moiros) como o mais embrutecido e barbaro de todos. Nós lhe auguramos pelo bom feito o melhor de todos os premios, que é a satisfação da consciencia, em quanto as orações agradecidas do seu hóspede estão rogando a *Allah*, que dilate os seus dias em prosperidades, como *um ramal de pérolas sem senão, enfiadas em seda escarlata;* que o livre de *mirandas* [1] e das

*Miranda* é uma das poucas palavras que o Moiro

furias de marceneiros da rua do Oiro; e que em se partindo d'este mundo, o conduza pela mão ao longo da *ponte estreitissima*, por cima do *lago de fogo*, até ao bairro do paraiso mais abundante de *hurís*, que o façam em cama de rosas esquecer para sempre dos trabalhos das pastas mundanas. Amen.

(*Rev. Univ.*)

---

sabe em portuguez; mas emprega-a sempre como synonimo de *velhaco*. Parece que o motivo d'esta singular equivocação foram as muitas passadas e dinheiro, que, para poder perseguir judicialmente ao seu espancador (o qual anda sôlto) lhe fizera despender pessoa que este nome tinha, e que não sabemos quem seja.

## LXXIII

## Sociedade dos «Amadores da scena portugueza»

(Dezembro de 1842)

A Sociedade juvenil, que sob este titulo se fundou, e já tem encetado as suas representações no theatro do Salitre, merece louvores, não tanto pelo que tem feito, como pela nobreza das suas ambições.

Põe ella a mira, em nada menos do que em se adiantar, por via do estudo e trabalho assíduo, até ao ponto de poder servir de norma aos actores de profissão.

Está ainda longe (confessal-o-hemos) do seu fim; mas os milagres terrestres, são a fé e a perseverança quem os fazem; e ambas estas virtudes cabem, mui bem cabidas, em almas de mancebos: possuem n-as estes.

Se é verdade o que nos affirmam, os seus empenhos são: que o *Theatro portuguez* se alimente de producções *portuguezas* de nascimento, e *portuguezas* na linguagem; que a declamação, o accionado, os gestos, e todos os modos, sejam nossos; que a um genero de poesia feitiça e exagerada, e nem sempre innocente, se anteponha o proveitoso, o

natural, o sensato; finalmente: que d'estas suas, já, por isto só, tão uteis recreações, recebam frutos de oiro os desgraçados de todas as especies: as escolas, os asylos, os hospitaes, as familias desamparadas, todas as victimas dos rigores da fortuna ou da Natureza.

¡E quão bem que não vão inaugurar esta parte christan da sua literaria missão, destinando para os inundados da Madeira o producto da 2.ª representação do formoso drama *O pagem de Aljubarrota*! O seu theatro se encherá espontaneamente; e aos applausos devidos ao escrito, e talvez tambem á nascente pericia dos intérpretes d'elle, acrescerão os que nunca se recusam aos homens *humanos*, aos consoladores do infortunio.

Sabemos que em um jornal (¿e que é hoje o que em jornaes se não sophisma, se não perverte, ou se não desentende?) se ousára censurar este pensamento benéfico, pondo-se, para maior vergonha, essas expressões de crueza em bôcca de mulher, e de mulher moça. Pedimos perdão a nossos leitores de lh'as repetir.

«Os Amadores da Scena portugueza — conta o diabo de saia á sua amiga — dizem por ahi, vão outra vez dar-nos o praser de os ver no Salitre; porém que Deus os livre, segundo certa opinião, de o fazerem por leilão. Era uma arriosca em que cahiam, temivel; mas julgo que sahirá coisa digna d'elles. Sim; segundo a ideia, ha maneiras de se fazer egual ou maior beneficio, sem essa funesta exposição. Eu não cahia.»

*Ramalhete* se chama o papel em que isto vem.

A Sociedade que se console de lhe haver de faltar ao seu banquete de caridade este Ramalhete; d'essa perda se vingarão as corôas moraes, que mulheres e homens lhe choverão de toda a parte, sem falar nas bençãos dos infelizes, e nos praseres da consciencia satisfeita.

(*Rev. Univ.*)

# LXXIV

## Theatro da rua dos Condes

(Dezembro de 1842)

Suspendei... talvez possa acabar;
trá, lá, lá, lá, lá, lá.
Não, não, inda não vai lá;
trá, lá, lá, lá, lá, lá.

*A Dama branca*—Acto III, scena III.
(No papel do snr. Ibarra)

Haviamos dito, em o nosso artigo 1:038, que receavamos que á Opera *lyrica* do Theatro Normal de *declamação* se levantasse a espinhella pela entrada do snr. Figueiredo; e que este genero bastardo, parvo, e semsabor, ajudado pela habilidade do novo escriturado, chegasse de veras a criar raizes. ¡Vive Deus, que foram vãos os nossos temores!

*A Dama branca*, paródia portugueza de outra parodia franceza de uma novella de Walter Scott, foi recebida na primeira noite com um vendaval de pateadas, e, com outro semelhante, ou maior, morta logo na segunda.

Imaginára a boa da Empreza, que na opera da *Dama branca*, bem como na estátua da *Dama branca*, se continha uma burra de oiro, que é, já se sabe, *suprema ratio em-*

*prezariorum*; mas, semelhante á estátua, que no 3.º Acto se vê ter desapparecido do seu pedestal, a opera vai despejar egualmente o palco, e mais o beco, da rua dos Condes.

Attribuiram alguns a sua catástrophe a quebranto que lhe dera a colligação anti-musical do snr. Ibarra e da snr.ª Radicci, com as outras snr.as e snrs., de que se compõe aquella verdadeira senzála. Não duvidamos de que podia isso concorrer em grande parte; mas a principal causa (vá dito em abono do bom senso portuguez), a principal causa foi a indignação do Publico, d'este Publico, o mais paciente de todos os Publicos, já finalmente desenganado de que era acinte da Empreza e Direcção d'aquelle theatro matar o drama portuguez com meia duzia de cantilenas estrangeiras, sem merito real, e executadas deploravelmente.

*Mon embarras est comment*
*On pourra finir la guerre*
*De Pradon et du parterre*

dizia Boileau. D'aqui por diante, uma vez que o Povo levantou a luva que a Empreza lhe atirou, podemos prophetisar, tambem em dois versos (no estylo dos da *Dama branca)* que

*Hão-de sempre andar de alcateia*
*a opera lyrica e a plateia;*

e veremos quem primeiro cança.

—«Em que pez a quem pesar, hão-de ter

Opera lyrica»—affirmam-nos que gritára em pleno tablado uma voz autocrática.

—«Em que pez a quem pesar—responde tacitamente o Publico—hão-de ter assobios, e os bancos quebrados.»

São duas operas lyricas em competencia; mas nós queremos apostar antes pela victoria da de cá de fora, porque, emfim, todas as contendas acabam pelo desfallecimento do mais fraco.

A esta regra só conhecemos uma excepção; e é a briga em que andam, ha mais de um mez, de dia e de noite, a Natureza e os homens da bomba no alicerce do theatro do snr. Lodi: a Natureza a jurar que não ha de seccar duas nascentes que ali poz; os homens da bomba a jurar que lh'as hão-de engulir.

*O mundo a porfiar que o Franco é tolo,*
*e o Franco a porfiar que o mundo mente.*

Bem haja, bem haja o Povo, o qual, já que censores desleixados lhe não zelam o que é seu, se decidiu a tomar a generosa deliberação de pôr o seu *veto* nos disparates que lhe vendem. Nos bancos, e até nos camarotes, é que reside agora o verdadeiro jury theatral.

Se o Governo quizer pagar o subsidio a um theatro, que não quer desempenhar as obrigações que para com o Governo contrahiu, os espectadores, que pagam os seus logares n'um theatro que se lhes diz *nacional* e *normal*, podem e devem castigal-o sem misericordia todas as vezes que deixar de

ser *normal*, todas as vezes que deixar de ser *nacional*, isto é: sempre.

Outro dia faremos o exame phrenologico da *Dama branca*, personagem literaria completamente nulla, e cujos órgãos principaes parecem ter sido o da *Ibarrividade*, e o da *Pateatividade*.

A sua poesia, semelhante á do *Dominó*, do *Campo dos desafios*, e do *Frei Diabo*, essa era toda pelo gôsto d'aquellas quadras beirans:

*Semeei no meu quintal*
*amorinhos de Isabel;*
*nasceu-me um pé de burro*
*com uma candeia na mão.*

*O' almas do Purgatorio,*
*que estais á borda do rio,*
*virae-vos da outra banda,*
*que vos dá o sol nas costas.*

(*Rev. Univ.*)

## LXXV

### Et erunt duo in carne una

(Dezembro de 1842)

Se n'um Poema, como o dos *Lusiadas*, os criticos sizudos não perdoaram áquella repugnante mistura do Christianismo com o Paganismo, ¿quem relevará que, por amor de tão prosaica e desalmada coisa, como a chamada *opera lyrica* do chamado *theatro nacional*, se permitta ao snr. Figueiredo o accumular na sua guarda-roupa os vestuarios de cómico, e a sobrepeliz de cantor da Cathedral?

*Le matin catholique, et le soir idolâtre,*
*Déjeunant de l'autel, et soupant du théâtre.*

Baccho vestido de clérigo, a adorar n'um retábulo a Imagem do Espirito Santo, não é mais ridículo, do que ver-se pela manhan no corêto, entre as vozes destinadas ao culto, cantando os hymnos purissimos e gravissimos da Egreja, aquelle mesmo, que, oito ou nove horas antes, se vira sahir d'entre quatro lonas pintadas, para trocar quatro cantarolas afrancezadas de uns amores semi obscenos,

com meia duzia de bufonarias ignóbeis e grosseiras.

Não condemnamos a profissão de Actor; approvamos até que se favoreça, porque acreditamos sinceramente em que o Theatro pode vir a ser tão util, quanto hoje é infame.

Queremos que ao snr. Figueiredo se continue a dar o preço do grande sacrificio, que necessariamente padece, para assignar o seu nome em uma tal escritura; escritura, que sempre nos faz lembrar a do Santo Frei Gil ou a do Roberto do Diabo. Dêem-lhe pontualmente os seus 72$000 reis mensaes, e o seu optimo beneficio; mas que na Sé metropolitana de Lisboa se apague o seu nome da lista dos cantores; e que os 15$000 reis mensaes, de que ahi lhe haviam composto o seu estipendio, cerceando para isso os salarios (já tenuissimos) dos outros, revertam para aquelles a quem de direito pertencem, e que ainda não aprenderam a topographia dos corredoresinhos escuros, e dos camarins, afumados do murrão do cebo.

Não é isto *fanatismo*. Esta identificação do profano com o sagrado, na mesma pessoa, não escandalisa menos aos mundanos, do que aos devotos.

Se o religioso se offende de ver o trajo dos levitas sobre os hombros do comediante, o irreligioso enjoar-se ha de ver estar-se requebrando, aos pés de uma deidade de bastidores, o homem em quem a *agua de Colonia* não poude apagar o cheiro do *incenso* que trescala a vinte braças em redondo.

Perde o theatro, e perde o templo, mas perde ainda mais o templo do que o theatro;

porque o cantor da Sé ainda de alguma sorte se absorverá no primeiro galan; mas o histrião... esse transparecerá inteiro debaixo da cota, e converterá perante a imaginação os divinos officios em negocios de comedia.

Sabemos que alguem zombará d'estes reparos. ¡Tanto peor para esse pobresinho, que não tem alma para entender, nem coração para sentir, nem instinto para dissimular a miseria da sua propria intellectualidade! Comprehendam-nos, ao menos, os que podem e devem pôr ponto n'este escandalo.

Bem sabemos que por moda passou para a egreja a musica da opera, e que a opera, em troca de cortezia, recebeu da egreja o orgam, os sinos, as freiras, as vestes clericaes e pontificaes, os hymnos, o altar, e a Cruz; mas esta confusão de generos não é menos absurdo contra o culto estabelecido, do que peccado contra a philosophia.

Grétry, entrando a caso em uma egreja, em acto de festa solemne, e ouvindo ao instrumental um trecho de opera sua,

— Meu Deus — exclamou; — perdoae-me: eu não a tinha feito para Vós.

¿Que diria Grétry do nosso *progresso*?

Diria... o que nós por ora não ousamos a dizer.

(*Rev. Univ.*)

## LXXVI

## Os arcos das Aguas-livres

(Dezembro de 1842)

E' dia de festa para nós, quando temos de tecer corôa ás Autoridades publicas; que a censura, a que nunca faltamos, essa é para nós dever dolorosissimo.

Acaba-se finalmente de vedar aos suicidas a entrada dos Arcos.

Guardas, postas nas duas extremidades d'aquelle infamado e fascinador precipicio, impedem o transito a qualquer pessoa desacompanhada.

Era esta a providencia que incessantemente requeriamos; parecia-nos facil; mas a demora que houve em a adoptar nos convence agora de que nos enganáramos.

Um obstaculo se oppunha ao cumprimento dos nossos bons desejos, que eram tambem os da Camara e do Governo Civil: faltavam meios, para augmentar o pessoal da guarda; e a que havia não sobrava das necessidades policiaes da cidade e arrabaldes.

Dando pois, em nome da humanidade, os agradecimentos pelo que se acaba de fazer, solemnemente pedimos (que o requer a justiça) perdão ás zelosas Autoridades, com quem por tantas vezes pelejámos, pela culposa indifferença que em tão grave materia lhes suppúnhamos.

(*Rev. Univ.*)

## LXXVII

### Connubilidade do carrasco

(Dezembro de 1842)

Na Associação dos Advogados se acabou de discutir a seguinte proposta, que todos suppunham envolver a questão do casamento do carrasco:

1.º—se no artigo 229 do decreto de 16 de Maio de 1832, onde se commuta ao condemnado a pena de morte natural na do exercicio de executor da Justiça, se continha virtualmente a de prisão, a que devia ficar sujeito;

2.º—se a pena de prisão perpétua trazia, ou não, comsigo a privação dos direitos civís.

Era Relator o snr. Viriato Sertorio de Faria Blanc. Respondeu quanto ao 1.º quesito:

Que a prisão era, sim, consequencia da commutação, porém como caução, e não como pena.

Quanto ao 2.º:

Que *se inclinava* a crer que a *simples* condemnação a prisão perpétua não importava (entre nós) a *perda* dos direitos civis.

A discussão durou cinco conferencias consecutivas, distinguindo-se n'ellas, como prin-

cipaes impugnadores do parecer, os snrs. Antunes Pinto, Holtreman e Pimenta, e como defensores os snrs. Duprat, Mendonça, Silveira da Motta, e Hermenegildo, afóra o Relator, cujas opiniões e parecer a final sahiram triumphantes por uma grande maioria, principalmente quanto ao 2.º quesito, cuja resposta foi modificada da seguinte maneira:

«Que a prisão perpétua, no caso de dar-se, não importava de direito a perda dos direito civís, mas somente a suspensão dos que fossem compativeis com a situação do condemnado.»

Acrescentaremos, que, a pedido do snr. Silveira da Motta, se mandou unanimemente declarar na consulta, que as decisões tomadas não decidiam a questão do casamento do algoz, que, no entender da Associação, ficava salva apesar d'ellas.

D'est'arte sahiu frustrada a publica expectação, cujo empenho maximo era saber, se o homem socialmente precito para dar a morte, pode ser socialmente habilitado para dar a vida. Os Advogados lançaram grande luz nas fronteiras d'esta questão, mas deixaram-n-a, como d'antes, envôlta na sua repulsiva escuridade.

A controvérsia, n'este caso, entendemos nós que pertence mais á Literatura philosophica do que á Jurisprudencia; mais ás leis do coração, do que ás do código; mais ao constituendo, do que ao constituido.

O consorcio do algoz repugna, geral e invencivelmente, pela sorte que infallivel aguarda á noiva, em se lhe dissipando a primeira embriaguez do praser; e pela leprosa condi-

ção moral, que aferrará, logo ás portas da vida, os seus descendentes; enfermidade, para que não ha ainda remedio na philosophia prática; e peccado original, para que não ha baptismo no templo da Liberdade.

Nós persistimos pois na opinião, que logo a principio (artigo 940) enunciámos: o verdugo não deve influir nos calculos estatisticos, senão para a operação de diminuir; a de multiplicar não lhe pode ser concedida, que o vedam interesses mui graves de terceiros.

(*Rev. Univ.*)

## LXXVIII

### Como de um homem grande se faz um grande homem

(Dezembro de 1842)

O ministro policial do theatro de S. Carlos está sentado no seu camarote. Batem estrondosamente á porta; apresentam-lhe um perturbador do socego publico, tomado em flagrante no salão da entrada.

E' este um singular personagem, Castelhano recem-chegado, decente no trajo, rico (segundo affirmam) dos bens da fortuna, riquissimo (segundo se vê) dos bens da Natureza: com uma estatura e fôrças, como as do seu patricio Cid de Bivar, reune os espiritos do outro... tambem seu patricio, por quem ainda agora chora a Mancha, e ri o mundo.

Já o Magistrado conhecia de vista, e de fama, ao *Señor Don Comprido* (nome que, por ignorarmos o seu proprio, somos obrigados a empregar aqui).

Já sabía que o seu grande systema nervoso era tão singularmente construido, que a presença de qualquer pessoa baixa lhe accendia um verdadeiro frenesí, que, em se lhe não acudindo com duello, desfechava

inevitavelmente em pancadaria; e de feito, o caso por que o traziam á sua presença, era mais uma prova d'essa verdade.

Muitas testemunhas confirmavam, a uma voz (e confessava-o elle mesmo), que, andando no salão, e encontrando com um cidadão portuguez que ali passeava, e cuja bitóla estava no seu estalão marcada em grau de *furia*, arremettêra com elle, perguntando-lhe que fazia, e a que vinha.

Atónito o Portuguez com a extranheza da pergunta, respondêra, meio sério meio motejando, que esperava para entrar para a plateia, se S. S.ª não mandava o contrario.

—Mando o contrario, sim snr., mando o contrario,—atalhára o encolerisado *Don Comprido*;—e não consinto, que onde eu estiver se atreva nunca mais a apparecer, ou o farei com uma punhada voar para fóra do systema planetario.

O ameaçado, que era uma prova viva da verdade, com que o nosso traductor de Tacito, em uma erudita Nota á *Vida de Agricola*, defendeu os homens de apoucada estatura, provando, physiologica e historicamente, que em pequeno vaso cabia grande espirito; o ameaçado, repetimos, tomou o rompante como farça, que só merecia uma boa risada, e o mesmo fizeram os circumstantes, que já a esse tempo eram apinhados em grande numero.

Não se pode presumir onde haveriam as coisas chegado, se, apoderando-se á força do philisteu, o não tivessem trazido ao tribunal, onde acabamos de o ver entrar.

O presidente, cuja estatura, semelhante á

de Agricola, de Napoleão, e de muita outra gente boa, era comtudo summamente perigosa n'aquella conjuntura, antes quiz faltar pela primeira vez da sua vida ás regras da civilidade, do que levantar-se á entrada do reo, e dos cidadãos que o acompanhavam: recebeu-os sentado, e sentado se conservou todo o espaço que durou aquelle singular interrogatorio, ao principio do qual lhe occorreu a luminosa ideia, que felizmente poude executar, de se ir trasladando sorrateiramente da cadeira onde estava, para um mocho um pouco mais alto, que á mão tinha; com o que, notavelmente melhorou as vantagens da sua posição em frente do soberbo adversario.

Graças a este estratagema, poude manter a dignidade do seu cargo, fazer-se respeitar do Herodes, e remettel-o sem contradicção para a presença de um magistrado de Policia correccional, a quem, por haver sido prendado da Providencia com uma corpolencia satisfatoria, bem o podia encampar sem nenhum perigo.

Não podemos afiançar a exactidão de todos os pormenores, posto que n'elles temos achado concordes os depoimentos da fama publica.

Ousamos affirmar, que ainda em S. Carlos, desde que ahi existe esta Empreza, até que appareceu a *Favorita*, nunca se representou coisa, que assim désse no gôto a toda a gente.

(*Rev. Univ.*)

## LXXIX

## Nariz phénix

(Dezembro de 1842)

Para em tudo ter a Moda jurisdição, até já com os narizes contendeu.

Nariz pouco, e chato, ha-se entre os Pretos por formosura. Entre os Tártaros, quanto menos narigado mais gentil homem; e a mulher de Gengis-Kan, que no logar do nariz só tinha dois buracos, era reputada epílogo de toda a lindeza.

Entretanto, para quem não é Tártaro nem Preto, a falta de nariz, ou qualquer notavel defeito n'elle, já se reputa por muito grande desar.

No Levítico se prohibe entrar para o Sacerdócio quem tiver o nariz ou muito grande, ou muito pequeno, ou torto. No Egypto, não achavam maior castigo para as adúlteras, do que deceparem-lhes os narizes; e em varias chronicas se lê de moças honestas, que, por não cahirem formosas nas mãos dos inimigos, cortaram os narizes pelas suas proprias mãos. Grande lástima era, que, em premio de tamanha heroicidade, não podesse esta nobre parte vir depois a arrebentar, e renascer melhorada; e que a Natureza lhe recusasse assim um privilegio, que havia

concedido ás pernas dos lagartos, e ás cabeças dos caracoes.

Cometteu a Arte emendar aqui a Natureza, e conseguiu. Em autores antigos, como Tagliacotti e Ambrósio Paré, se acha já noticia d'esta escultura cirurgica, ou, se antes o quereis, d'esta cirurgía plástica. Fazia o operador no braço do desnarigado uma incisão, onde coubesse o fragmento que ainda havia de nariz; encaixava-o ali, atava-o com as carnes vivas do braço, e deixava ficar por espaço de quarenta dias, até que o nariz tivesse carne no meio da chaga, e se unisse com a carne do braço; e depois de unida e encorporada, cortava a do braço, e, no mesmo tempo que ia afeiçoando o nariz, curava as chagas.

Mais modernamente, e ha poucos annos, se começou em França, onde a cirurgia operatoria para alindar é subida a grande ponto, outro methodo mais efficaz, e menos cruel: consiste em cortar na pelle da testa um retalho, da figura de um az de espadas, de tres polegadas de alto, e uma e meia de largo, com o vértice para baixo mettido entre as sobrancelhas, parte unica por onde esta pelle fica pegando com a restante; arranca-se de cima para baixo este plano de pelle; dá-se-lhe uma volta na parte inferior, onde os córtes não chegaram a tocar-se; e, revirando assim para dentro o carnaz e a cutis para fóra, se ageita em feição de nariz; e, por via de ferida aberta na parte respectiva do rosto, se faz que solde, e se encorpore onde deve ficar.

No *Periodico dos pobres*, do Porto, acha-

mos que o snr. Antonio Bernardino de Almeida, Lente da 9.ª cadeira da Escola Medico-Cirurgica d'aquella cidade, assim fizera, e com próspero resultado, um nariz ao snr. Manuel Moreira Lopes, negociante de Guimarães, que ha já annos vivia com elle.

Por esta occasião devemos recordar, que outro tanto havia já feito ha muito tempo, e mais de uma vez o tem repetido, segundo ouvimos, o nosso insignissimo pratico e operador, o snr. José Lourenço da Luz, Lente da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Outros haverá, que tambem o tenham conseguido, mas de que não temos noticia para d'elles fazermos n'este logar a devida menção.

Felizmente, poucas serão as pessoas para quem, por lhes faltar nariz, esta noticia seja interessante; mas ha tanto pintalegrete, cujo unico mérito é a cara, que, nos parece, devem folgar com esta nova industria, que lhes proporciona substituir ao seu nariz de nascença outro mais bem arranjado; e até (¿por que não?) variar tambem n'isso as modas todos os mezes.

*(Rev. Univ.)*

# LXXX

## Medicina de brutos

(Dezembro de 1842)

Cometteu o snr. Vianna de Resende, antigo Repetidor na Escola Real Veterinaria de Alfort, uma obra de muita utilidade: é um *Diccionario popular* de todas as molestias dos animaes domesticos, e dos remedios e operações com que hão-de ser tratados.

Esta Obra é dividida em tres Partes.

1.ª—*Formulario geral* dos medicamentos necessarios para o tratamento das doenças dos animaes domesticos;

2.ª—*Exposição pratica* das operações cirurgicas mais faceis;

3.ª—*Descripção* dos symptomas de todas as molestias dos quadrupedes domesticos.

D'estas tres Partes a 1.ª, começada a imprimir em Julho de 1839, acaba agora de sahir á luz. Parece-nos que a ordem da publicação não é a mais acertada.

A descripção das molestias, por onde o snr. Resende quer acabar, não é (como elle diz no seu prefacio) dependencia do conhecimento dos remedios; os remedios, pelo contrario, são chamados e pedidos pelas molestias. A botica não é, ou pelo menos não

deve ser, causa de enfermidades, mas effeito e lenitivo d'ellas. Assim, requeria a rasão, que o 3.º opusculo precedesse aos dois primeiros. Entretanto, este reparo, devemos confessal-o, é de pouca monta n'um escrito de tal natureza, visto que, reunidos os tres volumes, de que indivisivelmente se compõe o Tratado, nada ha mais facil do que começar a leitura de traz para diante.

No de mais, pressuppondo (como se deve pressuppôr) muita sciencia no snr. Vianna de Resende, *Medico da Camara de S. M. F., antigo Professor de Chimica medica, antigo Medico de epidemias em Portugal, Membro honorario e correspondente de diversas Sociedades scientificas, condecorado com o Habito de Christo, e Presidente da Academia dos Pacificos de Lisboa*, temos fé implicita (que é o mais a que podemos chegar, por não sermos veterinarios) em que esta obra será um verdadeiro thesoiro para lavradores, alquiladores, caçadores, criadores de porcos, etc. etc., classes muito numerosas, e algumas d'ellas muito uteis no Estado. Prover á saude dos irracionaes é prover ao mesmo tempo á riqueza e commodos dos racionaes. Não é uma obra brilhante a que nos dá o snr. Resende, mas pode ser incontestavelmente uma obra de uso e préstimo, que vale mais.

Uma falta nos parece haver notado no seu projecto, a que muito importaria que o autor acudisse, porque alguns dos brutos bipedes não são menos domésticos e prestadios, nem menos sujeitos a enfermar, do que os quadrupedes; e d'elles não fez o au-

tor nenhuma conta. O cabreiro dever-lhe-ha a saude do seu fato; o Commandante de cavallaria a dos seus cavallos; o casaleiro, a dos seus alões; o almocreve, a do seu asno; mas a dona de casa ficará, como d'antes, condemnada a ver morrer ao desamparo os seus perús, as suas gallinhas, os seus pombos, e os seus patos.

Este requerimento é tão justo, que esperamos que o snr. Doutor, para as futuras edições da sua obra, lhe defira com bom despacho, e complete a sua corôa veterinaria com o florão ornithologico de que ainda carece.

*(Rev. Univ.)*

## LXXXI

### Preciosidade artistica

(Dezembro de 1842)

Andando obras, pelos fins do mez passado, n'um dos armasens da Imprensa Nacional, ao remover-se, para se desmanchar, uma estante velha, appareceu por detraz d'ella um caixote, de tres palmos por banda e um de altura, atado com umas cordas.

O Fiel do armasem, inquirido pelo Administrador, que se acha presente, responde que lá dentro nada mais deve de estar, do que esboços e desenhos dos discipulos da Aula de gravura, que ali houvera antigamente.

Abre-se o caixote; pode ter rasão o Fiel: são desenhos, e manifestamente antigos.

O Administrador, mais por natural curiosidade, que por suspeitar importancia alguma em tal achada, aproxima-se a examinal-a por si mesmo. Não é elle artista; tem apenas em tal materia esses conhecimentos geraes, que o homem de estudos e de boa sociedade nunca deixa de possuir; mas o que tem ante os olhos captiva a sua attenção. Esta, a cada folha que rapidamente volta, se lhe vai convertendo em admiração, em assombro. Ha

ahi rasgos magistraes, que não é licito desconhecer; ha, para remate de encantamento, n'esses papeis desterrados e esquecidos, alguns (e muitos) nomes dos mais famosos mestres. Todos estes esboços podem não ser senão copias de estudo, e os nomes que os illustram meras designações dos originaes cujo são transumpto; entretanto, é indispensavel e urgente verifical-o.

Chama um antigo empregado da casa, habil artista gravador; mostra-lhe os desenhos, pergunta-lhe se tem d'elles conhecimento; ouve-lhe o suspirado *sim*; e que sabe de certo haverem sido comprados, por perto de quinhentos mil reis, á Condessa do Vimieiro; mas ignora o que depois fôra feito d'elles.

Era já mais que bastante para proceder com afoiteza, e sem nenhum receio de ridiculo, ao exame dos perítos. Convida curiosos entendedores, convida distintos Lentes da Academia das Bellas-Artes. Todos concordam em que é uma collecção de alto preço, e que n'um mercado opulento, como o de Londres, se resgataria por muitas libras.

Eis o que por nossas indagações havemos podido descobrir:

São os desenhos 390 e tantos, de diversos formatos, collados em folhas de papel, que formam 46 cadernos.

Uma parte d'elles, que não chega a ser terço, não traz os nomes dos autores, sendo que alguns se representam excellentes. Todos os restantes vão attribuidos a mestres das differentes escolas: Raphael, Julio Romano, Ticiano, Correggio, Paulo Veronez, André del Sarto, Schidoni, Pedro de Cortona,

etc., e a alguns pintores portuguezes, bons artistas e pouco conhecidos hoje, taes como Campello, Amaro do Valle, Fernando Gomes, Gaspar Dias, etc.

Os contrastes, até agora consultados, entendem, que a authenticidade de alguns desenhos se não pode sustentar; que a de outros é duvidosa: a de outros, incontestavel. Desenhos ha ahi tambem (poucos são), que não mereceriam achar-se em tão honrada companhia.

Consta-nos que o Administrador déra logo parte ao Ex.mo Ministro do Reino, tendo demorado a apresentação do seu relatorio official ao Governo, por desejar primeiro amadurecel-o, e completal-o com todos os possiveis estudos, assim sobre os objectos achados, como nos livros de assentos e registos do Estabelecimento.

(*Rev. Univ.*)

## LXXXII

### ¿Então, quem salvou o Moiro?

(Dezembro de 1842)

### Carta de V. J. Baptista ao Redactor da «Revista Universal Lisbonense»

«Snr. Redactor.

«Conhecendo a minha nullidade chronica, jamais escreveria coisa que em meu nome apparecesse impressa, em qualquer jornal literario, se o respeito para com V. , a quem só conheço por seus excellentes escritos, e pela nunca interrompida fama, não me obrigasse, para desagravo do seu tão bom e util Jornal, a participar-lhe que, sim, servi de protector ao Moiro Hagi Abdsalam Bin Amour, mas não na desordem da rua do Oiro, por onde nem passei n'aquella occasião, nem de tal desordem tive noticia, se não em 7 de Novembro.

«No artigo n.º 1:102 da *Revista* do 1.º de Dezembro corrente, vejo-me ali inculcado como um Hercules, quando a Natureza me negou até a ordinaria fôrça muscular precisa a um pigmeu, como pareço. A' vista d'isto, e da circumstancia de muitas pessoas terem presenceado aquelle facto, e de ser conhe-

cido por algumas das testemunhas, preciso se faz que seja emendada tal narração.

«Persuadido estou de que a intenção foi boa (e me penhora), mas a publicação inexacta prejudica o credito do seu bom jornal, e tambem a mim.

«Se o objecto merecesse mais attenção, remetteria uma circumstanciada relação do que a respeito do dito Moiro tem chegado ao meu conhecimento, e o farei se V. assim o quizer.

«De V. etc.

«Rua do Loreto n.º 78 — 6 de Dezembro de 1842.

«Verissimo José Baptista.»

---

## Considerações do Redactor sobre a carta precedente

Procedendo a novas diligencias para averiguar a verdade, descobrimos que os salvadores do Moiro foram tres cidadãos, cujos nomes não podémos saber, mas em cujo numero não entrava o snr. Verissimo José Baptista. O falso boato não era comtudo sem algum fundamento.

O snr. Verissimo, em 25 de Julho d'este anno, encontrando-o na calçada do Carmo, cercado de um grande burborinho de garotos e peralvilhos, que o apupavam e lhe faziam montaria, nobremente movido da paciencia magnânima com que o pobre estran-

geiro aguentava os impropérios, ora respondendo-lhes com cortezias acompanhadas de palavras inintelligiveis, ora olhando para o Ceo, como quem procurava disfarçar, ou implorar d'elle protecção, arrostou com os villões, que tantos, e tão sem motivo, afrontavam a um homem só, pacifico, e desamparado, arrancou-lhes das garras a victima, e impondo, pela ousadia de sua virtude, respeito aos covardes, o conduziu salvo para fora do tumulto.

A poucos passos, nova chusma de birbantes o acomette; e, despresando novamente o seu proprio perigo, o snr. Verissimo, travando-lhe do braço o arrebata, e o conduz ao Passeio-publico, onde, julgando-o em seguro, o deixa, não sem receber d'elle muitos e bem merecidos agradecimentos.

Ainda terceira vez, em diverso dia, lhe appareceu, e acudiu n'outra pressa semelhante; mas então já ferido com uma pedrada n'um calcanhar. D'ahi por diante, todo o tempo que as suas occupações lhe deixavam livre, empregava-o em lhe servir de guarda, levando-o a passeio, e mostrando-lhe todos os objectos mais curiosos da cidade e do arrabalde.

Desejou o Moiro, por vezes, retribuir com oiro estes favores; o que sempre foi generosa, e ao mesmo tempo delicadamente, refusado pelo homem que se havia tornado o seu anjo bom, e que na sua mesma virtude sentia o melhor premio d'ella.

Já se entendiam maravilhosamente. Algumas palavras arabes aprendidas pelo snr. Verissimo, algumas portuguezas decoradas

por Bin Amour, completavam entre elles a linguagem dos gestos e da mimica.

Havia tempos que os dois amigos se não viam; quando, no dia 7 de Novembro, entra pela loja do rosso Portuguez, na rua do Loreto n.º 78, o desgraçado Musulmano, todo lastimado e queixoso. *Mirandas*, *pancadas*, *judeus*, *dinheiro*, *moedas*, *dobrões*, *fiança*, *prisão*, *Rainha*, *snr. Juiz*, *cirurgião*, *botica*, *doente*, era quanto se lhe podia entender.

Puchou a final por um papel; era um mandado de prisão contra «José Maria Portella».

Reflectiu logo o snr. Verissimo, que, se a um Portuguez é indispensavel, para taes casos, um bom numero de moedas, e um bom procurador, para o Moiro havia ainda outra difficuldade, muito mais difficuldade, qual era a de entender, e fazer-se entender.

Lembrou-lhe procurar um intérprete, que não fosse judeu; para isto, o mesmo Moiro o encaminhou a casa do Reverendo snr. Padre Castro, mestre tambem versado na Lingua arábia, o qual, depois de lhe affirmar que lhe haviam de fazer justiça, como se fôra Christão e Portuguez, lhe aconselhou procurar ao Ex^mo^ Ministro dos Estrangeiros, visto como não havia cá representante da sua Nação.

Era quasi noite, quando o snr. Verissimo entrou, com o seu mortificado pupillo, em casa do Ministro, e lhe explanou todo o negocio. O Moiro, que nada lhe podia por si mesmo explicar, beijava-lhe a mão, e chorava. Dirigiu lhe S. E. perguntas em varias linguas, a que elle só respondia em arabe, e de mistura:

—Miranda mau, judeus maus, snr. Juiz bom.

Requereu o officioso tutor um intérprete para o queixoso, que elle estava pronto a pagar á sua custa.

No dia seguinte, o benemérito Official maior da Secretaaia dos Estrangeiros lhes disse, da parte de S. E., que fossem procurar o intérprete da Lingua arábia, o muito Rev.^do^ Padre snr. Manuel Rebello da Silva. Assim o fizeram; e o snr. Verissimo, deixando o seu protegido em tão boas mãos, retirou-se para sua casa, satisfeito dos outros, e de si, que assim deixava a sua missão bem desempenhada.

No dia 14 vem um Judeu procural-o da parte do Moiro, pedindo-lhe acuda a vel-o, que se acha gravemente enfermo, e deseja dar-lhe a derradeira despedida. Chegado ao seu leito, acha-o sosinho, ensanguentado, e extremamente desfallecido por causa da hemorragia, que desde o espancamento o não havia desamparado.

Significou-lhe, que sentia a vida por um fio; que o dinheiro tambem se lhe estava acabando; e que desejava, antes de se partir do mundo, protestar-lhe novamente n'aquella hora, desemmaranhada de enganos, a sua gratidão; que, por ultima graça, lhe supplicava tornasse em seu logar á Secretaria, segundo lh'o recommendára o Ministro, posto que a homem que se abalava do mundo pouco já então haviam de servir aquellas coisas.

O snr. Verissimo achava-se tambem doente. Escreveu ao Rev.^do^ snr. Padre Rebello

pedindo-lhe viesse na seguinte manhan; para o quê lhe mandaria uma sege, a fim de lhe dizer algumas palavras de consolação, e ir depois diligenciar-lhe entrada no Hospital, para lá achar algum soccorro (se o podia haver), ou, mais ao certo, mãos caridosas que o enterrassem.

No dia seguinte, foi o nosso incançavel a casa do mesmo snr. Rebello, que tambem por desventura se achava doente; e com uma carta e officio d'este snr. se dirigiu ao snr. Oliveira. D'este voltou para o mesmo snr. intérprete com um officio, em que S. E. determinava que fosse com elle á poisada do Moiro, e o resolvesse a vir para casa de S. E. para ali ser tratado com todo o desvelo.

Partiu n'uma ségе de S. E. para ir buscar a S. Rev.$^{dma}$ e ao Moiro, e conduzil-o ao seu novo quartel; recommendando S. E. ao mesmo tempo, que todas as despezas que d'ahi por diante se fizessem no negocio correriam por sua conta. Tudo assim se cumpriu; e d'então até hoje o illustre hospedado não cessa de render graças ao snr. Verissimo José Baptista, ao snr. Gomes de Castro, ao snr. Rebello da Silva, e ao snr. Gomes de Oliveira.

Se o que deixamos escrito não tem interesse *dramatico*, tem o interesse *moral*, que vale mais, e muito mais. Os que o respeitam, bem nos hão de perdoar a prolixidade.

*

Aqui fica já bastante para o *fidedigno* correspondente de um decommunal periodico

inglez, almocreve de petas, que, se lh'as mandam (cada duzia por um *penny*), não deixa de ganhar, com boa consciencia, os milhares de libras que lhe retornam.

Fizéra elle embutir na sua folha, que o Ministro só hospedára ao Moiro com a mira nos presentes do Imperador de Marrocos. E' uma desconfiança... que cheira toda a carvão de pedra. Se dissesse em inglez que se havia feito o bem pelo bem, provavelmente não sería entendido. D'isso ninguem tem culpa: são idiotismos das linguas.

Trata depois aos Portuguezes por quasi antropóphagos; aqùillo são ainda reminiscencias *lombares* de Lord Byron.

Se os nossos garôtos extranharam e apuparam nas ruas um trajo moirisco, ainda nos não viram ir a terras de infieis conquistar direito de lhes vender veneno por atacado.

Confessamos que a civilisação moral ingleza tem subído a muito maior ponto do que a nossa, e tem já hoje a fôrça de 1:500 cavallos. Elles limpam as chaminés com a pelle ensanguentada das creancinhas; nós ainda não passámos do mólho da carqueja.

Por derradeiro, diz que em Lisboa se não achou quem podesse entender o Moiro, e que somos n'isto (como em tudo) uns ignorantões.

Não negamos, não, que em muitas coisas o temos sido; ¡ainda bem para quem nol-o chama! ¿Mas em arabe?! Se alguns Inglezes o quizeram saber, a París o foram estudar com Sacy, e de París vieram a Lisboa aperfeiçoar-se com o snr. Padre Rebello da Silva. Temos além d'elle o snr. Padre Castro;

temos outros eminentes filhos da escola arábiga de Jesus. N'esta parte, não concedemos vantagens a ninguem, salvo se fôr ao Inglez que andou com Abd-El-Kader servindo contra as armas christans em Africa, ou aos que ajudavam (por dinheiro) ora aos Turcos contra os Gregos, ora aos Gregos contra os Turcos.

Não entendemos a que vem mais esse ridiculo ataque.

Se a sciencia do arabe fosse fabrica de lenços, chitas, ou lanificios, como os nossos fieis alliados nos fizeram á mercê de queimar no tempo da guerra peninsular, comprehenderiamos que nol a quizessem destruir, e que já para isso andasse ahi alguma nota diplomatica.

Permittam-nos ao menos falar moiro, como nós permittimos a quem tal imprime o falar todas as linguas; e até para isso lhes mandamos pela barra do Doiro alguns mil diccionarios polyglótos todos os annos.

Do tom d'esta provocada resposta, pedimos perdão a todas as pessoas... que não forem inglezas.

(*Rev. Univ.*)

## LXXXIII

### Estreias do novo anno

(1.º de Janeiro de 1843)

Quem já tem experimentado o que são annos, ou, pelo menos, lhes estudou as cataduras nos retratos que d'elles se vão ajuntando na galeria chamada Historia, poucos annos bons espera n'este mundo.

Entretanto, como o desejal-os e augural-os seja posse e usança velha, não lhe queremos nós faltar; e aqui vão estas poucas linhas, como bilhete de festa, comprimentar a nossos leitores pelas boas sahidas do anno velho, e melhores entradas do novo.

Os Romanos, de quem procedeu este, como outros muitos estylos agradaveis e sociaes já hoje perdidos, costumavam, para renovar e apertar o affecto dos amigos, presentear-se ao romper do anno, mantendo a esses presentes o nome, que, desde os dias d'el-Rei Tacito, e ainda no berço da Cidade, se inventára, de *estreias*, e *boas estreias*.

Com o mesmo romano titulo usam Francezes, Italianos Allemães, e outras gentes, um genero de regalos, em que nós, de tudo imitadores, bem os podéramos imitar: são uns livrinhos de prosa, versos, e gravuras,

mais ou menos chistosos, mais ou menos uteis, mas sobredoirados, e todos garridos na apparencia. Com aquillo, sem grande custo se desempenha de sua obrigação o offerente; e as presenteadas ou presenteados, que, pelo muito que a formosura da obra os enamora, de continuo a esfolheiam, recebem sem trabalho a instrucção, se de instrucção curaram seus autores.

Ao ensino das crianças, principalmente, e a lhes influir o gôsto da leitura, se devêram entre nós endereçar estas estreias. Sería uma parte da civilisação, operada pela folhinha. Veremos se o novo anno de 1843 cuida n'isso para o de 1844. Aos escritores, artistas, e typographos, não deixára de fazer prol a tentativa.

Faltando nos este recurso das *estreias* impressas, excogitámos que estreias este anno offereceriamos. Nenhumas nos occorreram, mais do que o proprio nome d'ellas.

—¡Um nome! uma palavra!—exclamarão nossos leitores;—guapo brinde nos trazeis.

Não tão mau, que não tenha algum préstimo.

Quando algum emprezario ou cartazeiro vos falar em *debutes*, affirmando muito ancho que não ha remedio senão valer do termo enxacôco, por não o termos nacional que valha o mesmo, acudi lhe com as *estreias*. Em logar do *debute* do snr. *Fulani* ou do snr. *Cicrani*, que digam: *Estreia-se* o snr. *Fulani*; e o snr. *Cicrani* na dança tal; e domingo será a *estreia*, ou serão *as estreias*, da snr.ª *Beltrani*.

E' verdade que isso ha-de desafinar do *ir em scena*, e *andar em scena*, e *mise-en-scéne*, e mais gentilezas, que a Inspecção Geral dos Theatros deixa andar brilhando quotidianamente por essas esquinas; mas será falar portuguez de gente, e até fazer bom serviço a ouvidos delicados; que não tem o *debute* mais euphonia ou louçania do que *as estreias*.

Pobre vai esta nossa offerta; mas é de boa-mente; e por ella, com limpas mãos apresentada, ficaremos quites por esta vez do obrigado presente janeirinho.

Resta cumprir o segundo encargo da festa, que é augurar as boas sahidas do anno velho, e as entradas melhores do anno novo. Desejamol-as, que é o mais que nos é possivel.

O 42 não deixou saudades. Trepoliou por todo o mundo com incendios, inundações, terremotos, naufragios, bancarrôtas, homicidios. Deu a China aos Inglezes; matou o herdeiro de França; abortou duas ou tres revoluções na Russia, e uma na Inglaterra; e deu a Espartero a delicia de se banhar em rios de sangue.

Em Portugal, abundou mais em traducções de novellas, do que em pagamentos; fez sahir dos prelos da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis o ultimo caderno de *Nossa Senhora de Paris*; começou o theatro aquatico do snr. Lodi; levou ao galarim a opera lyrica; produziu o snr. Subtil, o snr. Ibarra, uma comedia *O triumpho da Monarchia representativa*, e um Monumento *com estátua*; inventou a questão da

connubilidade do carrasco, e pouco faltou que désse cabo do mundo, como vereis pelo nosso artigo intitulado *Ainda escapámos d'esta vez.*

O novo anno denuncia-se com melhor cara. Suas Majestades Fidelissimas, que Deus guarde, desistem de 90 contos da sua dotação, e as Côrtes abrem-se no dia dos Santos Innocentes.

Tudo isto promette felicidades; mas... *Deus super omnia.*

*(Rev. Univ.)*

## LXXXIV

### Macrobia militar

(Janeiro de 1843)

João Leal, nascido na villa do Louriçal, era soldado da Companhia de Veteranos de Barcarena. Nunca houve *veterano* em quem melhor assentasse o nome, pois quando, a 16 do preterito Novembro, pelo caminho da enfermaria do Hospital da Estrellinha, sahiu d'este mundo, só quarenta e cinco dias lhe faltavam para inteirar um seculo.

Essa duração, rara para os nossos dias, mais admiravel se torna ainda quando se attenta no que é, entre nós, a condição do soldado, especie de feltro de trabalhos e miserias. João, já lá nos tempos do Marquez de Pombal, trazia ás costas a espingarda, que só tinha de largar para descer á sepultura.

Era (não podia deixar de o ser) a sua constituição robusta e varonil; porém mal houvera ella bastado a o trazer tão longe, se o uso que de si fazia não fosse regulado pela prudencia, e por aquelle hygienico instinto, que a Natureza a todos concedeu, mas que os habitos e os vicios enfraquecem, e chegam por derradeiro a destruir.

Lidámos para alcançar alguma noticia do seu viver. Relatar casos de longevidade, sem apontar as causas que poderam concorrer para ella, é entretenimento vão, e de nenhum fruto. Por isso temos rogado, e rogamos que, todas as vezes que nol-os hajam de communicar, lhes acrescentem algum estudo da vida e costumes do sujeito.

Pouco descobrimos acerca de João Leal.

Era homem de honesto proceder, pacifico, alegre, regrado em seus desejos, amigo do ramerrão, e tão poupado, que chegou a ajuntar algumas peças. Mantinha-se de comidas ordinarias, pelas quaes entrava como um homem, acompanhando-as com o espirito dos velhos, de que tomava quotidianamente pelo menos o seu quartilho. Não fumava, nem gastava tabaco. Em pontos de aceio era tão perluxo, que não só se havia de banhar todos os dias, de verão ou de inverno, n'um chafariz visinho do seu quartel, mas lavava por suas mãos, muito a miude, a roupa do seu uso; e quando, em consequencia de lhe haverem furtado algumas peças, fruto de suas economias, cahiu n'um genero de estupidez de que nunca mais arribou, recolhido ja cachético ao Hospital, não podendo achar outro modo para continuar no seu officio de lavandeiro, pegava do lenço, quando lhe parecia sujo, e punha se ás escondidas a laval-o... na propria ourina. Era um fanatismo de limpeza, como o dos Mahometanos, que, em lhes faltando no deserto a agua para as suas abluções rituaes, esfregando-se com a bosta de seus camellos quietam a consciencia.

Estendido já no pobre grabato, de que nunca mais se havia de levantar; inutil e pesado para os outros e para si; morto para o passado pelo desbotado da memoria; para o porvir e para o presente egualmente morto pelo anoitecido da rasão, pelo resfriamento de todos os desejos, João era ainda um objecto de interesse; ¿para quem? para a Religião, e para a amisade, para a amisade que se não aparta da cabeceira do moribundo, porque é tambem ella uma religião.

O Capellão do Hospital, e um soldado de Infantaria 16, eram toda a povoação do seu mundo nos ultimos dias.

Uma tarde, entra o Sacerdote a visitar o seu enfermo. Um mancebo militar, que junto d'elle estava, foge perturbadamente; no seu rosto se lê que alguma coisa fez, que receia se descubra; mas o bom velho respira socegadamente, e não parece extranhado de nenhuma novidade. Aproximando-se mais o Sacerdote, nota-lhe as faces entumecidas com um volume desusado; abre-lhe a bôcca para reconhecer a causa, acha-lh'as estofadas de miolo de pão reduzido a polme; extrai-lh'o com uma colher; era mais de uma quarta.

O amigo, percebendo que já lhe falleciam as forças para mastigar, tomava da sua propria ração quanto era possivel imbutir-lhe; triturava o na bôcca; e, imitando na industria aquella ave candida, a cujo coração o seu era tão parecido, n'um beijo que faria sorrir com virtuosa inveja o Anjo da caridade, lhe introduzia o seu biscato, e lhe prolongava as horas do existir.

(*Rev. Univ.*)

## LXXXV

### Raridade zoologica

Em 17 de Novembro de 1842 dizia a *Revista Universal*:

Conta, segundo ouvimos, o snr. capitão Veiga, que, vindo de Mirandella para Bragança, lhe fôra mostrada a pelle de um extranho animal, que por lá julgavam ser onça, e que fôra morto por um caçador do logar de Passos, por nome Antonio Ferro.

Andando este á caça dos coelhos entre Passos e Susans, encontrou-se com a fera; atemorisado da sua catadura truculenta, e do modo ameaçador com que o encarava, em tão boa hora lhe atirou, que deu com ella morta. Essa pelle pára em poder de um morador de Mirandella; é amarellada, e symetricamente remendada de preto. Com tão escaças informações, não é possivel assentar juizo algum sobre a verdadeira natureza do animal, que, a ser onça, haveria certamente fugido de algum pateo de bichos, ou de alguma casa particular de Portugal ou de Hespanha. O Museu da Academia, ou o da Escola Polytechnica, poderia obter esta curiosidade sem grande custo.

*(Rev. Univ.)*

# LXXXVI

## A fera enigmatica

(Additamento ao artigo precedente)

(Janeiro de 1843)

O snr. José Silverio Rodrigues Cardoso, de Mirandella, nos fez a mercê de enviar-nos em data de 6 de Dezembro copia do officio, que á Sociedade Pharmaceutica de Lisboa dirigiu, offertando-lhe a pelle d'aquelle singular quadrupede de que falámos. Resumiremos o seu interessante conteudo.

Estava Antonio Ferro na fralda de um oiteiro, acaçapado á espéra da caça; senão quando, avista uma fera, que descuidosa e pausadamente ia tranzitando por não longe da sua emboscada. Ficou turvado, assim pela extranheza do passageiro, como pelo truculento de sua catadura; mas, tirando logo fôrças da fraqueza, mette á cara a espingarda, aponta, desfecha, acerta-lhe com toda a carga. Sobre-saltado o bruto com o subito do estrondo e das feridas, levanta, corcovando-se, um pulo agigantado, como quem chama ao coração toda a furia para cahir sobre o seu matador; mas, ou porque os brios se lhe esvahissem com o sangue, ou

porque a dor a desatinasse, ou porque o instinto de naturaes afeições a empuchasse, para ir dar n'outra parte uma derradeira despedida, desandou subitamente o caminho; vingou de um salto ao espigão de um muro, para d'ali se arremessar á fuga; mas, exhausto o vigor, resvala, recai de costas moribunda sobre a terra ensanguentada, e expira. Era fêmea, e era mãe; o leite, que já não poude levar aos seus filhinhos, corria ainda depois da sua morte.

Esta clausula faz suppôr ao nosso correspondente, e com bom fundamento, que na visinha montanha, assaz empinada e fragosa, existirá o macho da mesma especie.

A pelle, pelo mesmo snr. obtida por officiosa cedencia, que, para o fim de a remetter á Sociedade Pharmaceutica, lhe fez o dono d'ella, o snr. Francisco Ignacio de Cid Mello e Castro, Administrador que era a esse tempo do Concelho de Mirandella e Lamas de Orelhão, a quem o caçador a havia cedido, a pelle, repetimos, tem perto de 4 pés de comprido, e na cauda 5 ou 6 polegadas; as orelhas são curtas, e guarnecidas, na ponta, de uma especie de pincel de pellos; a côr do corpo é de um amarello descorado tirante a vermelho, toda salpicada de malhasinhas escuras.

Pela analyse que fez, consultando alguns autores de Historia natural, assenta o snr. Rodrigues Cardoso que era uma *lince*, ou *loba cerval (Linx)*, que habita nas partes mais setentrionaes da Europa, na Asia e na America. Pertence aos carnívoros; devasta os arminhos, lebres, e até gamos; trepa a

cima das arvores mais empinadas, e tem a vista mui aguda e perspicaz.

Muito valeria a pena, se os curiosos da visinhança quizessem, por folguedo de caçada, fazer na montanha algumas indagações, em procura de tão curiosos animaes, ou por qualquer industria conseguissem haver ás mãos algum d'elles ainda vivo.

O Rei Moiro Orelhão, que n'aquellas partes martyrisou a Santa Comba, e que segundo o poema do nosso Doutor Antonio Ferreira, tinha uma orelha de asno, outra de cão, não era para a Sciencia maior raridade do que esta, que hoje apparece nos mesmos sitios.

*(Rev. Univ.)*

## LXXXVII

### Ainda escapámos d'esta vez

(Janeiro de 1843)

Grande terror se havia diffundido por algumas e muitas familias plebeias d'esta cidade, e varias aldeias e logares do suburbio.

Corria fama, que a lua apparecêra quarta feira com um circulo, vendo-se ao-pé d'ella o que quer que fôsse.

Constava mais, que em uma terra de saloios se vira, a esse mesmo luar, um Anjo em cima de um monte, que nada dissera a ninguem, mas que, por isso mesmo (segundo a opinião de todos) não era possivel que estivesse ali por bom.

De tudo isto inferiam, por uma logica parecida com muitas outras, que na noite de Natal se havia de acabar o mundo; o que, apesar das capitalisações e decimas industriaes, não deixava de ser desagradavel. Por algumas partes, consta que as lavandeiras haviam já trocado a barrella pelo Rosario, e deixado para o canto a roupa das freguezas; entendendo que, para apparecer no

valle de Josaphat, mais se carecia de boas obras do que de roupa branca.

Felizmente, a noite de Natal passou, sem outra novidade mais do que o *Dominó* nas egrejas (que tambem.... já o não é), e um frio, que, junto ao da devoção dos ouvintes, era de tranzir os ossos até á medulla.

E' impossivel, que o nosso collaborador e amigo, o snr. Franzini, nos não dê n'essa noite o thermometro 10 graus para baixo de zero.

(*Rev. Univ.*)

## LXXXVIII

### A egreja de S. Francisco

(Janeiro de 1843)

A cada passo, e a cada hora, se nos deparam e multiplicam as provas, de que o não se ter sempre e em tudo perante os olhos a grande regra *tractent fabrilia fabri*,

tratem ferreiros do que toca ao ferro,

faz com que se commettam absurdos taes, que envergonham uma Nação, e a prejudicam gravemente nos seus haveres.

A egreja de «S. Francisco da Cidade», obra immensa de marmore, edificada com os *dez reis* da esmola mendigada por dois fraditos descalços, só esperava que lhe imposessem o tecto, para ser um dos mais soberbos templos d'esta cidade.

Entendeu-se, e entendeu-se bem, que os dinheiros publicos, insufficientes para matar a fome aos empregados, se não deviam desfalcar n'uma obra de mero luxo, porque mais falta quem ore, do que faltam casas de oração.

Podia comtudo aquelle edificio, ainda profano, concluir-se para algum uso civil, que

bem valesse o que o fabrico de um tecto havia de levar. Dois alvitres appareceram n'este pressuppposto, e muitos outros não menos plausiveis se poderiam levantar.

Foi o primeiro, fazer d'ali, como propunha o snr. Visconde de Villarinho de S. Romão, o novo theatro nacional. [1]

O segundo foi convertel-o em Bibliotheca publica; para o que, offerecia toda a capacidade e proporções. Sería uma das mais esplendidas e especiosas livrarias, e um remedio para se não acabarem de perder tantas mil obras, que hoje estão apodrecendo ás escuras nos dormitorios e cellas do convento. Enjeitou-se este projecto, com a unica vantagem de continuarmos a possuir o mais completo museu de traças que existe no mundo; e enjeitou-se o primeiro, talvez só por obedecer á poderosa voz de algum Baptista, que já então andasse preparando os caminhos do nosso actual redemptor architectonico.

Esperavamos nós que a obra dos *dois frades* ficaria pois á espera de melhores tempos, ou melhores juizos, para ser rematada e consagrada, sob qualquer titulo que fosse, á publica utilidade. Não succedeu assim.

O dinheiro, que não havia para se fazer um tecto, appareceu para se levantarem andaimos e escadarias, que não importariam em menos de 600$000 reis.

¿Para quê? Para desfazer o que estava feito e perfeito; apear cantarias; carreal-as

[1] *Reflexões criticas e artisticas sobre a edificação do novo Theatro portuguez.*

para um pobre terreno, que nem pode com ellas; e entregal-as ao braço secular de um forasteiro, que promette edificar para o Público, e á custa do Público, o que só elle por ora sabe ao certo (se é que o sabe).

Ouvimos sobre esta materia o parecer de muitos perítos; por isso falamos n'ella com afoiteza.

Quando outra prova não houvera da incapacidade artistica do snr. Lodi (pessoa aliás estimavel, segundo nos afirmam) para a obra de que o encarregaram, com manifesta atropellação de direitos dos artistas e do Povo, este só facto de querer os ornamentos internos de uma *egreja* para ornamentos exteriores de um *theatro*, sobraria para a demonstrar a todas as luzes.

Teem-se arrancado ao templo columnas, cimalhas, pedestaes, e outras partes, não exceptuando a capella, que, pelo lavor, era tida pela melhor coisa d'esse genero em Lisboa; e nada de tudo isto é applicavel ao theatro do snr. Lodi, salvo alterando o autor, em grande parte, o que se diz ser o seu approvado e gabado projecto; porque, por exemplo, as columnas do templo são jónicas e (segundo a regra da Architectura) teem nove diâmetros de altura; e esta medida, que estava em harmonia com a sua primitiva destinação, não pode acommodar-se a esta nova, sem quebrantamento de todas as regras da Arte.

Uma cimalha, composta de molduras pouco relevadas, e que, no interior do edificio, faziam bom effeito, não pode agora ser applicada para a parte externa de um theatro,

aonde se requerem cimalhas de molduras mui relevadas, para grande massa de claros e escuros.

*Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini.* Se este não fôr blazonar para a sua terra de ter edificado um theatro segundo as regras, nem ainda de ter edificado um theatro (porque o *theatro-ran* ha-de ficar em meio, quando muito) poderá gloriar-se de que deitou a baixo, com a ponta do seu lapis, a soberba egreja de S. Francisco, com tanta facilidade como na *Abbadia de Viterbo* no theatro *normal*, vimos o snr. Victorino romper com uma faca uma grossa muralha de prisão, e fugir pelo buraco. A *normalidade* theatral corre parelhas com a architectonica. *Mundus ab his regitur.*

¡E o theatro normal custa 6:000$000 reis por anno! ¡E o snr. Lodi 50$000 de gratificação por mez!! ¡e o architecto portuguez seu servente 24$000!!!

*O bell'etä dell'oro!*

. . . . . .

*(Rev. Univ.)*

## LXXXIX

## Um reformador de cartorios

(Janeiro de 1843)

Na rua da Prata n.º 27, 2.º andar, tem escritorio, mas não residencia, o Escrivão do 1.º Districto Abreu Castello Branco.

O ultimo dia do anno findo ficou assignalado n'aquella casa deshabitada, e no espirito aprehensivo do honrado funccionario, por um caso extranho e por ventura inaudito.

Sahia o snr. Castello Branco de trabalhar em um gabinete interior, para a sala onde estavam os seus escreventes; vê no meio da casa um enorme cão, alvo como um phantasma, com uma só malha preta na cabeça, sentado senhorilmente no meio do sobrado, com o fucinho virado para a porta, immovel, de olhos acezos contra elle, e temerosa expressão na catadura.

Sobre-saltado com a presença d'este cliente de nova especie, coseu-se com a parede, sahiu da casa em dois passos, e das escadas em dois pulos, gritando aos seus ajudantes que posessem fora o freguez.

Assim o fizeram, e não viram que tornasse.

Ao meio-dia sahiram, e fecharam o escritorio. Voltando depois de jantar, pelas 2 horas, mal haviam aberto a porta sentem vir pelas casas fora correndo um burborinho; é o cão, o mesmo cão; rompe por entre elles... desapparece.

Mas ¡que espectaculo se lhes descobre apenas entram! Uma infinidade de processos, tirados de cima das mezas e estantes, junca o pavimento. Todos foram esfolheados pelo dente canino, e dilacerados, e alguns reduzidos a moinha. Era uma verdadeira imagem da livraria de Alcobaça cahida nas mãos seculares dos *liberaes*. Aos vestigios claros das dentadas acrescem os de uma baba copiosa, e rubricas de sangue. Uma das principaes victimas d'aquella hydrophobia anti-forense fôra o processo de execução de D. Thomaz de Napoles contra o Visconde de Souto d'el-Rei. Ahi os autos originaes de penhora jaziam completamente destruidos. Era questão de grossos mil cruzados.

Fez-se, a requerimento do mesmo Escrivão, auto de corpo de delicto, a que assistiu o snr. Dr. Delegado Castilho, e o snr. Juiz Paredes, e d'onde todos sahiram convencidos de haver sido o cão o unico autor de todo o maleficio.

*(Rev. Univ.)*

## XC

## Fama

(Janeiro de 1843)

Vimos a 1.ª folha de um periodico dominical, que, sob o titulo de *Fama*, promette ser «jornal de literatura e dos theatros, revista das sciencias e das bellas-artes.»

Desejamos que nunca se possa vir a dizer, por esta *Fama*, o que, pela fama em geral, disse o nosso Virgilio:

*Tam ficti pravique tenax, quam nuntia veri.*

Mas de todos os mares literarios o mais aparcelado, o mais cheio de correntes e contra correntes, o mais contrastado de ventos oppostos, e (por epilogo de desgraça) o mais povoado de Sereias e Protheus, é este, onde a pobre *Fama* vai desferir as suas vellas. Boa viagem lhe desejamos; porém... não quizéramos nós ir a seu bordo.

A Introducção d'esta folha traz por nome de autor um ponto de interrogação; e acertadamente; que ninguem, havendo lido tão rico e formoso trecho, deixará de arder em desejos de conhecer a mão que tal escreveu. Quanto a nós, adivinhamol-a; e, só por não

querermos quebrantar o seu sigíllo, é que não pedimos ao Público alviçaras, declarando-lhe que este collaborador do jornal dos theatros é o mancebo de quem o nosso Theatro mais se tem enriquecido, e em cujas corôas mais corôas futuras se annunciam.

Folgamos de encontrar, entre os nomes que adornam esta 1.ª folha, o do snr. José Maria da Silva Leal, bem conhecido já do Publico pela imparcialidade e elegancia dos seus juizos acerca de espectaculos. O seu artigo *Theatro nacional*, não apontando senão miserias (que é o que ahi ha) mereceria, pelo nacional espirito que o anima, ser estampado em letras de oiro.

Os *Pensamentos sobre a educação*, assignados pelo snr. Perini, necessitam de um commentario especial, em que hoje não podemos entrar.

Recommendamos aos leitores a lição d'esta folha, que principia mui noticiosa nos objectos a que se dedica; e aos Redactores d'ella, que tenham sempre por divisa: JUSTIÇA E NACIONALIDADE.

O alvitre de assignar cada um os seus artigos é excellente, não só porque essa bizarria, dá abonos seguros de *justiça* e *nacionalidade*, mas tambem porque, d'este modo, o louvor e censura dos escritos recahirão exclusivamente sobre quem os merecer.

Oxalá que toda a Imprensa periodica adoptasse este costume!

(*Rev. Univ.*)

## XCI

### Estupendo phenomeno

(Janeiro de 1843)

Jaz situado o logar do Bairro a pouco mais de meia légua para o noroeste de Obidos, e menos de duas apartado do Oceano.

Do casal de Ganancio, visinho a este logar do Bairro, sahiam, na madrugada de 3 de Dezembro, marido, mulher, e filhos, a semear de favas uma sua fazenda não mais remota do casal que uns trinta passos. Como chegavam.... estacam todos atónitos.

A terra, que vinham semear, ronca lá por dentro; alvoróta-se; rebenta; roja aos ares grande porção de si mesma; ainda bem não é esta recahida no solo, quando do boqueirão repucha, com ímpeto desmedido, uma grossa columna de agua de espantosa altura. O tope, bracejando e dispartindo-se n'um labyrinto de fios para todas as partes, offerecia aos olhos aterrados um bello espectaculo: parecia um encantamento de contos persas, uma arvore de crystal e diamantes.

Um quarto de hora permaneceu este especioso prestígio, desfazendo-se e renovando-se simultaneamente, e cobrindo com a sua rorejante ramada a terra, que não ces-

sava entretanto de rebramir. Emmudece o trovão ; desata-se e precipita-se todo aquelle liquido portento para a mesma cratéra que o golfára, tanque de cinco varas de diâmetro, e perfeitamente circular. A' columna succede uma larga torrente, que da mesma matriz se devolve pelo pendor das terras pelo espaço de dois dias.

Minorado com a demora o primeiro susto, afluem curiosos ; sondam com pinheiros o gôlfão ; os pinheiros engolem-se e desapparecem. A este primeiro manancial de agua salgada, segue logo outro, de agua doce.

O mar, no dia 8, ouviu-se roncar por duas vezes medonhamente ; e tamanha e tão amotinada foi n'esse dia a estuação do poço, que os moradores do casal espavoridos fugiram para o logar do Bairro.

Eis o que o nosso diligente collaborador de Peniche, o snr. José Nicolau da Silva Franco, nos participa, reportando-se a uma carta, que da villa de Obidos lhe dirigiu pessoa mui sizuda.

(*Rev. Univ.*)

## XCII

## Miscellanea noticiosa

(Janeiro de 1843)

**Viver sem comer.** — O snr. Bernardo Antonio Cardoso Machado, nosso correspondente de Gonjoim, torna a escrever-nos acerca d'aquella rara donzella, da freguezia de Valdissem, no julgado de Lamego, de que fizemos historia em o nosso artigo 532, sob o titulo de *Camaleão humano;* e diz que ainda aquella assombrosa moça existe, e vai continuando a sua vida sem comer. Ao presente, não toma por dia mais que uma chávena de caffé, que, passados tres segundos, torna logo a despejar sem diminuição.[1]

Este nosso correspondente, curioso registador de raridades, como bem importára que o fossem os Governadores Civís, por esta occasião nos vem relatando algumas outras, mais antigas, de que deixou posta memoria em seus cadernos, e que, apesar de por suas datas quererem refugir do nosso quadro, não consentiremos em que se esperdicem; e são as duas que seguem.

[1] Vide Nota no fim d'este artigo.

*

**Um phenómeno de physiologia zoologica.** — O Abbade José Antonio Pinheiro Vieira e Silva, hoje fallecido, tinha na sua residencia da freguezia da Figueira, termo de Lamego, em 1834, uma galga, uma perdigueira, e uma podenga.

Andava prenhe a podenga. A galga, que não o estava, nem jamais o estivera, nos ultimos quinze dias antes do parto da amiga seguia-a por toda a parte; era-lhe inseparavel.

Mal vieram a lume os cachorros, apossa-se d'elles, perfilha-os á fôrça, espanca e afugenta a mãe; e, sem haver tomado nenhuns banhos de *bafureira* [1], amamenta-os e cria-os.

No anno seguinte, tornando a podenga a andar cheia, combinado com o Abbade, com o Cura, e algumas outras pessoas, a quem o precedente successo causára grande extranheza, intendeu o nosso correspondente em examinar se se repetiria a maravilha.

Quinze dias antes do parto, torna a galga ao seu fadario de seguir e espreitar a companheira. Tomam-n-a ás mãos, vão-lhe ás têtas, acham leite. Nascem tres podenguinhos; conquista-os á dentada; encafua-se com elles; aleita-os; acaricia-os, e mantém-n-os como verdadeira mãe.

No anno seguinte renovou se a mesma

[1] Vide *Vivos e mortos*, T. III pag. 31

Os Editores.

scena; e não se reproduziu mais, porque a pobre caçadora de coelhos morreu; e dos filhos da sua amiga perdigueira nunca a nossa donzella galga fez caso algum.

Este successo vem acreditar o que em alguns livros de medicos se lê, de mulheres que foram amas sem terem sido mães; e, entre outros, o de uma virgem preta, na primeira flôr dos annos, que, vindo com sua senhora da America para França, e morrendo na viagem a ama, que dava o peito a um filho d'esta, tanto se deixou entranhar da lástima de tal desamparo, e tanto se accendeu no desejo de lhe acudir, que, mettendo a têta na boquinha da creatura, para ao menos calar o chôro, e enganal-a piedosamente, ressumou leite, que logo foi em crescimento, e superabundou; por onde, com grande gôsto e admiração de todos, se perfez a criação.

*

**Trovoada rasteira.** — Em Gonjoim, a 14 de Dezembro de 1820, estando o mesmo snr. Cardoso Machado com o Padre Frei Manuel de Santo Antonio, filho d'aquella villa, observaram uma espêssa névoa, que fechando no Doiro, distava d'elles um tiro de espingarda, e por cima da qual se descortinava a margem d'além.

Rompe da névoa um grande relâmpago, e estoira dentro uma bombardada estrondosa.

Muita gente da povoação, nos diz elle, presenceou aquillo; e o trovão foi com sus-

to ouvido pelas povoações de Santo Adrião, de Santa Leocadia, e Folgosa.

*(Rev. Univ.)*

---

## NOTA

O artigo alludido, publicado em 23 de Julho de 1842, a pag. 448 do Tomo 1 da *Revista*, é este:

### UM CAMELEÃO HUMANO

Existe no julgado de Lamego, na freguezia de Valdissem, uma donzella por nome D. Maria, de 32 annos, filha segunda do snr. Antonio Gonçalves Torres e da snr.ª D. Rosa Torres, cuja historia, mui sabida nos arredores, é merecedora de publicidade.

Succinta e fielmente a apresentaremos, qual nos vem em uma carta do nosso correspondente, o snr. Bernardo Antonio Cardoso Machado, conhecido e amigo d'aquella familia.

Teve esta menina, na edade de 16 annos, uma molestia, que principiou por uma tal aversão aos alimentos, que não levava mais do que alguma pouca fruta, e uma chávena de chá ou caffé; e isso mesmo o lançava pouco depois de recebido. Assim passou tres mezes. Nos tres annos seguintes, antojada até da fruta, só se manteve de algumas chávenas de chá ou caffé, tomadas quotidianamente, e logo vomitadas. D'isso mesmo se enfastiou por fim, ficando reduzida á mais absoluta abstinencia. Ainda assim, continuou a andar de pé, e a lidar como d'antes....

Cahida na cama apoz alguns mezes, continuou o jejum. Então o seu medico lhe applicou tres pilulas de certa composição. Tres mezes depois, foram as mesmas tres pilulas evacuadas, tão inteiras e limpas como se não houveram servido.

Assim aturou alguns annos, até que seu pae, recorrendo a um medico de fama, então prezo na Relação de Lamego, pelo receituario d'este lhe trouxe uma sombra de melhoria, pois que tornou a admittir a diaria chávena de chá ou caffé apesar de pouco tempo se lhe conservar no estomago. A doente sobre-

viveu ao medico, e vive; e as chávenas já passaram de uma a tres, excepto nos dias de abstinencia religiosa, em que, por mortificação, se priva de duas, não havendo necessidade de que alguem lhe diga quaes esses dias são, porque a tudo tem a memoria tão presente, e o entendimento tão firme, que infunde assombro em quantos a tratam.

Conserva-se perennemente na cama, e ás escuras;.....
Só de mez a mez consente em que a virem; e só então se lhe renova a roupa, a qual, ao lavar-se, toda se desfaz.

Não cria em todo o anno um só insecto de especie alguma. ¿Como havia de pagar contribuições, quem nada recebe? Não é gorda nem magra; tem o carão alvo; o cabello, que nunca vê pente, se lhe conserva desenriçado e corredio. Ha um anno falava pouco, e sumido; agora tem na voz mais substancia e desembaraço.

¿Affirmaremos que seja tudo isto rigorosa verdade? não o ousamos. Não ha muito, que um egual jejum de certo Inglez, depois de dar que falar a todos os periodicos, e de ter originado muito sabias polemicas physiologicas de doutores, afinal se averiguou não passar de um embuste.

Em Coppenhague, haverá agora doze annos, acreditou-se que uma Judia, além da bagatella de viver sem alimento, criava dentro em si agulhas, que lhe sahiam pela pelle; e realmente se lhe viam sahir, e se lhe extrahiam. O medico Geroldt escreveu um tratado, para provar que uma rapariga podia ser uma fabrica de agulhas; e por derradeiro soube-se, que ella mesmo as introduzia na pelle, para que esse mesmo doutor, de quem (sem o elle saber) vivia namorada, lh'as viesse tirar; e mantinha-se de assucar; descobriu tudo a uma criança.

Vai em vinte annos, que em Santa Comba Dão, ou perto d'ahi, havia outra, que diariamente e com tanta pontualidade como uma boa gallinha põe ovos, punha formosas bolas de barro do tamanho de laranjas. Todo o povo vivia espantado; e ao cabo, todo o povo desfechou a rir.

Mas, porque no mundo tem havido eguaes trapaças, ¿seguir-se-ha que seja esta necessariamente mais uma? Tambem não. Conviria portanto mandar, pe-

las vias policiaes e medicas, proceder a sizudo exame sobre a materia, a fim de destruir uma abusão (se o é), ou de registar para a Sciencia um facto precioso. Ninguem dirá que não valha a pena.

¡Que grande coisa não seria, para o estado actual das nossas finanças, se a Physiologia nos podesse fazer a caridade de nos ensinar a viver sem mantimento!

CASTILHO.

## XCIII

### Um queimado por contumácia

(Janeiro de 843)

Em uma fabrica de loiça, lá para as partes da Estrella, havia um gato preto como um azeviche, estimado na officina pelas suas boas prendas, mas teimoso... como todos os da sua especie.

N'um dos dias da semana passada, em quanto carregavam o forno de lenha e loiça, apeteceu-lhe entrar n'elle; sentiu gôsto em divagar n'um labyrinto sem Minotauro; e tanto se embeveceu n'aquelle exercicio, que, por mais que de fora o chamassem, não dava por nada.

Em vão lhe chegavam á bôcca do forno sardinhas, e outras gulodices mais do seu paladar, incitando-o com afagos a vir tomal-as. Por elle se podia dizer, o que dissemos pela Opera lyrica dos Condes:

*De bruto o tinha Deus feito*
*mais bruto para o perder.*

Os pratos cheios e cheirosos não o namoravam tanto, n'aquella hora, como as terrinas vazias e cruas que andava visitando.

Costumava acudir ao assobio; assobiavam-lhe o *Dominó preto* (de que era muito apaixonado); resistia. Era perdido de amores por uma gata amarella sua prima; chegaram-n-a á entrada; fizeram-n-a miar lastimosamente, apertando-lhe a cauda; e a nada o bruto se moveu. A sua indómita liberdade valia mais para elle n'esse momento do que a sua Ariádna, a quem apenas de longe respondia.

Exhausto o soffrimento, os artífices, que não podiam desmanchar a fornada, nem esperar pelo fim de uma phantasia que já durava havia quarenta e oito horas, e que podia durar... como a dos homens da bomba do theatro do snr. Lodi, e, de mais, receando a ruina que aquelle despropositado viajar podia fazer na loiça ainda branda, lançam fogo á lenha, e tapam o forno, que já não é possivel tornar-se a abrir antes de concluida a cosedura.

Esperavam-se *miáus* horrorosos; não se ouviu mais do que o zunido do fogo.

Quando o forno se tornou a descobrir, estava o infeliz em pé, á entrada, com o fucinho junto a uma fisga; alvo, e alvissimo, como se fôra de jaspe. Apenas lhe tocaram soltou-se, como os cadáveres de Pompeia, em um monte de cinzas.

Offerecemos este assumpto, para ultimo quadro de um drama romantico, a algum poeta da escola de Victor Hugo. O theatro deve representar o forno visto por dentro; e a poesia, a desesperação da victima acommettida das chammas por toda a parte.

*(Rev. Univ.)*

## XCIV

## Um Santinho

(Janeiro de 1843)

Da *feira dos treze* navegavam para Ovar, com o Administrador do Concelho da mesma villa, entre outras pessoas tres moradores da aldeia de Lombo-travésso, na freguezia de Vagos, cujo mais rico era um pobre e esfarrapado ferreiro, que se ia ao Porto a concertar uma çafra velha.

D'estes tres individuos se compunha o cortejo de um quarto, que, sendo o mais maltrapilho de todo o rancho, era o alvo contínuo de suas attenções e respeitos. E' porque, segundo estes singulares cortesãos mysteriosamente segredavam no ouvido dos outros passageiros, aquelle homem reunia em si todo o genero de verdadeiras grandezas: parente muito proximo do Padre Santo; Santo elle proprio; peregrino; perseguido; e propheta.

*

Tres dias antes, apparecêra pela primeira vez na aldeia. A sua linguagem estrangeira era apenas intelligivel; sem os acenos e signaes com que a animava, mal haveriam podido entrar com elle em relação.

Perguntado d'onde vinha, para onde ia, e quem era, fez, a poder de rodeios, comprehender: que, havendo tomado a benção ao tio Pontífice, se embarcára em um navio, que de Roma se fazia de vella para Villa Nova de Gaya, com uma grande carregação de fazendas para um primo que ahi tinha, mercador grosso, meieiro seu no commercio, e Consul da sua Nação; que dera á costa nas Berlengas, não se salvando de todo o cabedal e gente mais que só elle, com algum oiro; o que havia por milagre, nascido das muitas orações e promessas que fizera a Deus e a todos os Santos. Chegado a terra de Portugal, deram com elle os ladrões, deixando-o roubado de tudo, e nu no meio de uns mattos muito feios e solitarios, onde vindo a encontral-o uns caçadores, e condoídos do seu tamanho desamparo, lhe deram para se cobrir aquelles farrapos que trazia.

*

Estas lástimas, e a manifesta piedade do peregrino, moveram todos os corações de Lombo travésso; misturaram as suas lagrimas com as d'elle, que as derramava em abundancia; houveram-se por felizes de dar meza e poisada a quem tanto edificava com o bom exemplo, que, se ouvia praguejar, desviava o rosto, e de mãos postas pedia se comedissem n'aquelle mau costume.

Lamentava então, mais do que a perda do dinheiro, a das muitas reliquias que o mar lhe comêra, das quaes algumas tinham a virtude de extirpar da alma aquellas e outras manhas.

D'aqui, passava a prophetisar a cada um, pelas riscas da mão, a sua boa ou má fortuna, confirmando o credito dos seus prognósticos com a certeza, com que lhes falava, de algumas coisas de sua vida passada (coisas é verdade, em que elles tinham conversado na sua presença, mas que elle, sendo estrangeiro, lhes não podia entender).

*

Todo o verdadeiro merecimento é encolhido; as quasi adorações que lhe tributavam tão sobre-modo o afligiam, que instava por que não espalhassem na visinhança aquellas enchentes de misericordias, de que Deus usava para com elle; que o seu maior gôsto não era o ser conhecido e festejado por propheta, mas viver ignorado e quieto, tratando o mais do tempo dos negocios de sua alma, e (nas horas vagas) dos de seu primo de Villa-Nova.

Todo o praso que na aldeia permaneceu, foi assignalado pelo mais edificante comportamento. Com a afeição que grangeára, houvera podido, se fosse um tunante, despejar-lhes as casas, e levar todos os moradores para onde lhe aprouvesse. Ao revéz d'isso, rogou-lhes, ao despedir-se, que se deixassem ficar pacificamente, encommendando-se a Deus, e contentando-se com a companhia de dois, a quem rogou lhe servissem de guia até ao Porto, com promessa de lá os galardoar com doze moedas para entre ambos.

O ferreiro, que necessitava de mandar emprastar a sua çafra velha, aproveitára da boa

conjuntura, e todos os tres caminhavam para a «cidade eterna», com o filho da outra «cidade eterna» que jaz enterrada.

*

Todos estes pormenores, cochichados primeiro ao ouvido, tornaram-se dentro em pouco assumpto da conversação.

Já o manto da humildade o não podia encobrir. Eram mãos perdidas. No mar não se pode fugir tão facilmente á celebridade, como em terra; restava merecel-a, fazendo novos beneficios.

Prégou; tomou por thema as pragas dos barqueiros, e foi eloquente... em italiano.

Havia porém no auditorio um coração como o de Pharaó, que, á proporção que elle multiplicava as suas maravilhas, mais se ia endurecendo. Este coração, egypcio, múmio, e pyramidal, era o do Administrador, que, interrompendo-o no meio de uma das suas exhortações mais ardentes, lhe perguntou pelo passaporte; pergunta tão impropria para nota de um sermão, e tão descostumada nas Vidas de todos os Santos, que o orador emudeceu, e nunca mais tornou resposta a pessoa alguma. Na santa indignação que o animava, lia se que, se podesse, sacudiria a poeira dos seus sapatos no barco dos impios, e se retiraria para onde nunca mais ouvisse falar em Administradores de Concelhos.

*

Pela volta das 10 da noite, sentindo já

perto o desembarcadoiro, voltando-se para um dos guias lhe disse á orelha:

—Querem prender-me por não trazer passaporte, e eu quero livral-os d'esse peccado. Saberás, que em chegando a terra, fujo.

Vendo o assombro que estas palavras, proferidas em portuguez, haviam causado no ouvinte,

—Não te espantes,—continuou elle—sei falar todas as linguas. Sirvo-me da que Deus me determina, para minha conveniencia. Sou portuguez de nascimento. Em quanto ao fugir, hei de fazel-o, como t'o prophetiso: fugirei. Dirás a teus companheiros, que no alto da Bandeira os espero, á entrada de Villa-Nova. Lá vos pagarei o promettido. Adeus, e silencio.

Logo ao tocar no caes, se desempenhou a primeira parte do seu vaticinio: desappareceu.

*

Passada a noite na villa, levantaram-se os nossos tres ao amanhecer, e partiram todos esperançosos para o termo dado.

Se jamais houve dia de chuva, foi aquelle.

Chegaram, já ao cerrar da noite, ao Corvo. Pedia lhes o corpo que pernoitassem, que iam já todos... como o *propheta* quando sahira do naufragio. Dizia-lhes a fé que fossem por diante: foram.

Já passaram Villar do Paraizo; já vão chegando ao alto da Bandeira...

Rebentam da terra cinco homens; deteem-n-os; desvalijam-n-os de quanto levam. Sommava-se ainda a vinte e tantos mil reis o me-

tal d'entre todos tres, não falando na bigorna velha do ferreiro, que ali ficou servindo de monumento (sem estátua) d'aquella catastrophe. Arripiaram logo a jornada para Lombo-travésso, mantendo se por toda ella com as esmolas que vinham pedindo, e que ninguem deixava de lhes dar, assim como o nome de *tolos* apenas ouviam a sua aventura.

*

Perguntar-nos-heis pelo *sobrinho do Papa*. Não faltou ao promettido: esperou-os no sitio indicado. Viram-n-o, ou julgaram vel-o, em quanto os cinco os alliviavam, posto de largo, e meio encoberto com um muro. O terem escapado com a pelle fôrra, foi por ventura um *milagre* d'aquella boa alma, que d'este modo lhes pagou com um bem de muito maior valia, o que em dinheiro lhes ficou devendo.

*

Relata-nos todas estas particularidades o snr. João Ferreira da Cruz, em carta datada de Vagos aos 4 de Dezembro de 1842.

(*Rev. Univ.*)

# XCV

## Irrigação

(Janeiro de 1843)

De muitas partes do Reino se nos veem pedindo explicações acerca das *verrumas artesianas*: do modo como se poderão obter; se valem o custo; se requerem, ou não, particular sciencia para o seu maneio; se os seus resultados são, ou não, infalliveis, etc., etc.

De espaço consultámos estes pontos com o snr. Barão d'Eschwege, o maior sabedor que na materia conhecemos entre nós; e, sob sua fé, vamos com afoiteza responder em poucas palavras, que não passarão de resumo succinto de uma ampla Memoria sobre as *verrumas*, ou *sondas* da terra, apresentada pelo mesmo senhor á Academia Real das Sciencias de Lisboa, Memoria que, para utilidade geral, annunciaremos apenas sahir á luz.

*

As *verrumas artesianas*, e as *sondas*, de que se fala no *Diccionario de Agricultura*, de Rozier, vulgarisado n'este Reino pela traducção do snr. Francisco Soares Franco, são uma e a mesma coisa. Esta machina,

*verruma* ou *sonda*, varía de dimensões segundo o fim a que se destina; para ser completa, necessita de um jogo de differentes instrumentos.

Não é por faltarem verrumas, que em Portugal se carece de seus beneficios. De não poucas alcançámos nós noticia, que todas jazem por ora sem serviço.

Possue a Camara de Lisboa, duas, que pertenceram outr'ora á Intendencia das minas; uma ou duas o snr. Conde do Farrobo, que chegou a tirar privilegio para abrir d'estes poços; o snr. Lecocq mandou fazer uma para seu uso, segundo o modelo da que veio da Allemanha para S. M. el-Rei D. Fernando; o snr. José Joaquim Ramalho, instruido e curioso proprietarto e lavrador no Algarve, comprou tambem uma ha pouco tempo; e outras mais poderá haver, de que não temos conhecimento.

¿Mas de que servem todas estas verrumas, não havendo gente pratica para trabalhar com ellas, e que entenda, como é indispensavel, a sua applicação?

O manuseamento, qualquer, sim, como não seja de todo desgeitoso e decepado, o poderá aprender; mas o maior ponto está, em que, antes de se entrar á obra, se estude e conheça geognosticamente o sitio; sem o quê, não ha futurar probabilidades de bom exito.

Segunda difficuldade é conhecerem os artífices, que manusearem a sonda, todos os varios obstaculos que poderão encontrar, e que, de feito, apparecem a cada instante, e diversificam segundo as castas dos rochedos

por onde se vai descendo, e terem prevenidos os meios para os ir destruindo uns apoz outros; difficuldade esta não pequena; que até, ás vezes, é forçoso inventar, segundo as pressas que sobreveem, novos instrumentos; particularmente, quando succede quebrar-se a verruma, ficando no furo engasgada parte d'ella.

Para isto, é que não servem senão homens mui vistos e praticos no officio, como os ha na Allemanha, França, e Inglaterra, que não cuidam nem vivem de outra coisa, senão de abrir poços artesianos. Com elles se conchavam os donos das fazendas carecentes de agua, dando-lhes a obra de empreitada, e não lhes pagando sem que o proveito venha a lume.

D'estes homens, habilitados por especial estudo e larga experiencia, ainda os não ha em Portugal; acrescendo a esta mingua a grossura do cabedal que para tal fabrico se despende. Por estes e alguns outros motivos ainda, é que todas as tentativas artesianas se nos teem mallogrado. [1]

Eis aqui logo o que por interesse proprio (quando não fosse por amor ou lastima da terra do seu nascimento) poderiam fazer alguns poderosos de dinheiro:

[1] O trabalho feito no largo de S. Paulo da cidade de Lisboa, em que superintendia o snr. Barão d'Eschwege, não parou por causa das difficuldades, mas só por outros motivos extranhos. A todo o tempo se poderá tornar a elle, e continual-o desde onde ficou.

CASTILHO.

mercar d'essas verrumas, que por ahi dormem inuteis, ou mandal-as vir;

ajustar mestres estrangeiros, dos mais bem acreditados na sciencia de conhecer os terrenos, e na arte de os perfurar, dando-lhes ordenados certos, ou (melhor ainda) parte certa nos lucros da empreza;

annunciar, e fazer recommendar por todos os modos, este serviço;

mandar ver as terras onde o desejassem;

orçar as despezas das conducções da machina, e do seu trabalho presumivel; e

acrescentando a esse orçamento tantos por cento, para descontar o que em algumas obras mallogradas se perderia, e tantos para seu lucro limpo, ajustar por essa somma total a empreitada.

O homem (ou a sociedade) que n'isso empregasse cabedaes, mereceria que á entrada de cada aldeia, á sombra da mais bella arvore, se lhe levantasse uma estatua, que paes e mães ensinariam a filhos e netos a venerar, como imagem e semelhança de um amigo dos homens, de um animador e fertilisador da terra.

*(Rev. Univ)*

## XCVI

## Torre do Tombo

(Janeiro de 1843)

Todos sabem que é a Torre do Tombo o mais rico thesoiro, que em Portugal existe, de documentos; mas thesoiro em grande parte desconhecido, e, como tal, estéril.

O antigo deposito de manuscritos está, sim, em tal qual ordem, que, não sendo aliás a melhor (segundo o voto dos perítos) é todavia necessario conservar-se por evitar maiores confusões. Ha porém uma quantidade prodigiosa de novos documentos e processos, que excedem muito de meio milhão, completamente indigestos e em cahos. São estes os papeis, autos, e livros, da Inquisição, tribunaes, conventos, e outras corporações abolidas, que para ali confluiram ás carradas.

Ao snr. Doutor José Feliciano de Castilho foi cometido o encargo ímprobo de os arrumar e inventariar.

E' empreza cheia de espinhos e tropêços, sobre tudo pela difficuldade da leitura, e não dizemos que exequivel em toda a sua extensão, attenta a penuria de empregados, e a difficuldade de lhes pagar; mas qualquer

coisa que se chegue a fazer, não deixará de ser de grande monta.

Não falamos já no que a Historia d'ahi pode aproveitar, e nos recursos que muitos particulares ahi encontrarão para usos civis; basta-nos considerar a Literatura.

São as maximas necessidades da Europa actual o *drama,* e o *romance.* Todos os outros generos (podemos dizel-o) se fundiram n'estes. Entre nós teem apparecido, n'estes ultimos tempos, talentos especiaes para uma e outra coisa, que já nos permittem gloriarnos, e annunciam bellissimos futuros.

¡Que mina se não abrirá, pois, para estes obreiros da Civilisação, em começando a apparecer, não só tamanha abundancia de materias-primas para seus lavores, se não tambem em retratos authenticos, muita parte das feições, dos costumes, das ideias, e da linguagem, das épocas respectivas!

Forcejaremos por conseguir, para ir offerecendo successivamente a nossos leitores, os excerptos mais uteis, ou mais curiosos, que lá se fôrem apurando. Nenhum engenho bom deixará de nol-o agradecer.

(*Rev. Univ.*)

## XCVII

### Cautela com cautelas

(Janeiro de 1843)

Extrai-se a ultima lotaria. Cai o premio grande n'um bilhete dividido por um cambista. Afluem-lhe á loja os portadores das suas cautelas; requerem alvoroçadamente os seus quinhões.

O officio do homem era rebater; offerece-lhes metade; para em taes casas ainda não é pouco. Iram-se, e trovejam os lesados; exigem explicações. O bilhete havia sido duas vezes dividido; e a especulação de pagar dez contos, não recebendo mais de cinco, era nos annaes da agiotagem uma pyramide com o bico para baixo. Não podia ser.

O Limoeiro é hoje a gaiola d'esta ave de rapina, que assim accumulou dois crimes n'um só acto:

1.º — fazendo lotarias suas sem licença;

2.º — recusando pagar aos que n'ellas ganhavam.

Não é esta a unica, nem a primeira, fraude que se faz com as cautelas. Muitas e muitas se apregôam por essas ruas, assignadas com falsos nomes.

O mal das lotarias, affirma-se que é necessario, por ser um tributo de cento e oitenta contos de réis annuaes, tão gostoso de pagar, que á extracção dos bilhetes o povo se apinha e se esfaqueia, e aplicado a fins santissimos. O que porém não consente dúvida, é que essa nuvem perpétua de vendilhões de cautelas, que aturdem esta cidade, e andam de continuo tentando os pobres, é um mal... e uma vergonha.

Parece-nos que na sua mão tinha a Camara Municipal o fazel-a de repente cessar, estabelecendo por uma postura, severamente observada, um grande preço á licença de pregoar cautelas, e pena proporcionada aos que sem licença as pregoassem.

O alvitre vale, pelo menos, a pena de ser meditado.

(*Rev. Univ.*)

## XCVIII

### A infamia nas cans

(Janeiro de 1843)

De Oliveira de Azemeis nos escreve o snr. Capitão Manuel José Corrêa Martins um caso, a muitos respeitos atrocissimo, passado na freguezia de Nogueira do Cravo, a uma legua de Oliveira, a 8 do corrente Janeiro. Muito sentimos, que a falta de espaço nos prohiba trasladar integralmente a sua miuda e interessante relação. Com escrupulo lhe extrahiremos a substancia.

*

Vivia em Nogueira do Cravo Alexandre José Godinho, de 84 annos de edade, com duas filhas, Rosa e Joanna. Era uma familia da antiga criação: honrada, pacifica, religiosa; citada como exemplar, e estimada dos visinhos.

Desde 12 de Março, porém, do anno de 1838, a felicidade havia em parte desapparecido d'aquella casa, pela hospedagem que o velho franqueára n'ella a um cunhado, mais que septuagenario, que, fugido de ou-

tros seus parentes, lhe viéra pedir abrigo e gasalhado.

José Pereira (era o seu nome) trouxe a seus benevolos hospedeiros assumpto para se extremarem por mais uma virtude, e de todas a mais difficil, a paciencia. O seu coração era ingrato; a sua indole, sobranceira e desabrida; e para contrastar estas naturaes propensões, nem a visinhança da morte infundira n'elle o minimo vislumbre de piedade religiosa.

Quando, segundo a patriarchal usança, ainda conservada em algum casal d'essas provincias, a familia se reunia ao serão, resando em coro o seu Rozario, e lustrando o trabalho pela oração, Pereira, em vez de unir a sua voz ás dos supplicantes, os perturbava com o escárneo, intertecendo diabolicamente na *corôa de rosas* os espinhos de uma impiedade grosseira, e então de ve ras intoleravel, quando brota de uma cabeça já pela edade marcada para a prudencia, e duas vezes erma: já erma de cans, e ainda erma de sizo. Era o demonio do sarcasmo; era o seculo XVIII incarnado sob a fórma de duende rugoso; o Voltaire de obra grossa e aldeão, que os desatinava e perseguia.

Alexandre, convencido, pela experiencia, da incompatibilidade e perigos de tal parceria, afoitava-se a reprehender algumas vezes as petulancias do seu contubernal; era atiçar ainda mais o facho da discordia.

Pereira tinha bens de fortuna, de que Rosa e Joanna haviam de ser herdeiras. Em muitas casas sería um motivo para o soffre-

rem; n'aquella era um estimulo, para que o velho mais desafogadamente lhe fizesse entrever, que o sahir elle, de uma vez para sempre, sería deixar-lhes a maior de todas as felicidades.

De dia para dia se exacerbavam os odios; e, a não serem as duas mulheres, que, medrosas de uma vingança, já muitas vezes e claramente promettida, procuravam de continuo, com aquella arte que só mulheres sabem e praticam, prevenir, desculpar, ou desfazer, as mutuas offensas dos dois, a não serem ellas, alguma horrorosa tragedia teria já rebentado no casal.

Assim passaram mezes, e annos.

*

Era um Domingo depois da festa dos Reis.

Recolhia Alexandre, de passar a tarde com um parente; atravessava uma varanda de sua casa; ouve na cosinha a voz do cunhado; pára; applica o ouvido; percebe ameaças e protestos contra a sua vida.

Uma das filhas, que lhe pressentira os passos, sai disfarçadamente a conduzil-o com uma luz para o quarto, em quanto a outra entretem o tigre, e procura sedal o. Alexandre fecha a porta por dentro, e deita-se; a sua conductora voltou para a cosinha.

José Pereira não dá mostras de ter percebido coisa alguma.

Poucos momentos depois ergue-se, deixando-as sentadas ao fogo da lareira, e dirige-se ás escuras para a sala que dá para os quartos. Offerecem-lhe luz; responde com

voz terrivel, que para o a que vai se lhe não faz precisa.

Passou um quarto de hora.

Alexandre ouve bater mansamente á porta; imagina que deve ser alguma de suas filhas que lhe vem trazer a ceia, ou dar-lhe algum aviso; abre sem hesitar. Um punhal, que de repente lhe entrou no peito, lhe descobriu todo o engano.

Sólta um grito surdo; uma das filhas, está já ao seu lado. No meio das trévas, não ousa ella adivinhar toda a verdade que já existe; mas imagina a sua possibilidade. O perigo de seu pae a faz esquecer do proprio; o terror se lhe converte em exfôrço; apodera-se de um braço armado; sustem-n-o; faz desvairar nos ares os golpes, que este amiuda arrebatadamente. Sua irman, que lhe assiste, petrificada de susto, não se atreve, ou não se accorda, de tornar á cosinha a buscar luz. Ambas estão abraçadas com o pobre do velho, dando gritos lastimosos, e implorando o soccôrro dos visinhos.

Acodem, gente e luzes, em tropel. ¡Que espectaculo!

De um lado está Joanna, com seu pae nos braços, e Rosa estendida a seus pés sem proferir palavra; Alexandre já não fala, mas ainda existe; apenas sussurra:

—¡Meu Deus! ¡acompanhae minha alma! Prendam esse homem, que me não mate minhas filhas...

Descobrem-lhe o peito, d'onde golfa o sangue: o instinto do assassino havia farejado o coração.

Chama-se o Parocho. O moribundo tinha-

se confessado e commungado em dia de Reis; sem mais sacramentos, expira.

O assassino havia desapparecido.

*

As Autoridades expedem para toda a parte as ordens mais terminantes para o haverem ás mãos. E' infallivel que a Justiça ha-de alcançar a sua victima.

¿Quem perdoaria a um algôz de 76 annos?

*(Rev. Univ.)*

# XCIX

## Monumento com estatua

(Janeiro de 1843)

Receamos que ainda o *Monumento com estátua* ha-de dar assumpto a alguma guerra de Guelphos e Gibellinos das Bellas-Artes. A *Secchia rapita*, o *Lutrin*, e o *Hyssópe*, hão-de ficar a perder de vista em comparação do poema, que algum genio vindoiro não deixará de sacar á luz das entranhas d'esta confusa historia dos nossos dias.

Domingo não se falava de outra coisa entre os ociosos ranchos do Passeio publico. Ahi corria como certo, serem já quatorze os riscos de *monumentos com estátua*, apresentados ao areopágo artistico de sciencia infusa, sendo dos quatorze seis, pelo menos, estrangeiros: um do snr. Cinatti, um do snr. Rambois, e quatro do snr. Lodi.

Bellos são os dois primeiros d'estes nomes. Muitas vezes teem ambos elles grangeado os aplausos d'esta Capital; nunca jámais deixaram de os merecer. Este mesmo papel, em que escrevemos, distribuidor íntegro de censuras e louvores, lhes tem lançado flores ás mãos cheias no seu caminho triumphal. Somos, de mais a mais, amigos particulares

do snr. Cinatti, e podemos dar testemunho de que reune ao seu estremado merito, como artista, qualidades moraes, que o tornam modelo de todas as domesticas virtudes.

Entretanto (havemos de ser justos com elle e com todos) o seu risco, segundo se afirma, é um lindo pensamento e uma lindissima pintura; merece todas as aprovações como obra, mas todas as reprovações merece tambem como projecto.

E' uma columna de pedra, de uns quatorze palmos de diâmetro, e duzentos de altura, revestida de um perenne festão de loiros, que em espiral o abraça de baixo a cima, com uma escada interior de caracol, e dominada de uma estátua de bronze colossal.

O snr. Cinatti não quiz, por ventura, senão condescender com os rogos de alguem, quando pegou no seu lapis criador; mas, entendendo, no seu coração nobre, que tal obra nunca a final devia ser executada por estrangeiro, traçou, sorrindo, a sua, por tal modo que nunca jamais a podessem realisar. Recusando uma gloria sua, mostrou-se o snr. Cinatti menos estrangeiro, do que alguns nascidos em Portugal.

As dimensões de tal columna excedem, segundo as regras da proporção, ás dos edificios circumstantes, que só teem de altura noventa palmos.

O lavor da pedra, como o elle traçou, a quantidade do marmore aproveitado e do marmore estruido, os engenhos necessarios para a edificação, o trabalho e bronze da estátua, etc. etc., montam (segundo o êsmo

dos perítos) de 200 a 300 contos de reis. Indubitavelmente, o grande Mestre riscava, e sorria de lástima. Emfim: o terreno mesmo da praça, que nem sequer podia bem com a casa da Inquisição, abateria necessariamente se lhe imposessem tal façanha.

O snr. Cinatti (cuidamos vel-o) estava rindo, com um verdadeiro riso homérico, quando, cedendo áquellas instancias insensatas, entregava, para ser executado por um Povo quasi mendigo, um portento como os que o seu pincel magico realisa nos panos de S. Carlos.

— Senhor Luiz, — perguntava o Cardeal d'Este ao Ariosto — vós, que enchestes o vosso poema de tão guapos palacios, espanta-me que estejais fazendo para vossa vivenda umas casinhas tão pifias como essas.

—Eminentissimo,—lhe respondeu o Poeta —custa mais a ajuntar pedras, do que palavras.

*

O risco do snr. Rambois, com ser muito menos rico, é gentil; e no mesmo caso está (se não mente a fama) um dos quatro do snr. Lodi; mas um e outro (segundo a mesma fama) transcende ainda em demasia as nossas faculdades pecuniarias.

Se assim é, damo-nos os parabens da nossa pobreza, que será, já agora, quem nos possa redimir da afronta de termos um monumento portuguez *italiano* ao Principe, que foi só, e todo, *portuguez*.

*

As scenas, que no entretanto se vão passando, entre os senhores da Junta monumenteira, se não promettem monumento, nem estatua, offerecem desde já materia rica para o primeiro drama de carnaval, que se ha-de representar no *theatro agrião* no anno de 1943, já se sabe, sem tecto, para maior segurança, á romana, *sub Jove*.

Um de Suas Ex.as afirma, que ha-de ser preferido o snr. Cinatti; outro contende, que ha-de ser o snr. Lodi; outro teima, que ha-de ser o snr. Cordeiro Pinheiro; os outros não teimam, nem contendem, nem affirmam senão que... não entendem nada da materia. As maiorias são sempre as que teem rasão.

Se tudo é como por entre aquellas boas arvores do Passeio se dizia e commentava, *felix culpa*; feliz desproposito, que produziu tão curiosa farça.

Esperamos anciosamente pelo dia, em que toda esta postêma possa vir a furo. E' profunda, e fétida; mas não haverá remedio senão operal-a, e expremel-a. Para então guardamos muitas verdades ainda não ditas, e algumas considerações, que não poderão agradar, senão a quem fôr de corpo e de alma portuguez.

Sentinella somos nós que não adormece no posto.

*

Até aqui eramos chegados, quando nos vieram dizer, que já finalmente apparecêra

a alleluia artistica na Camara Municipal, onde se acham expostos os riscos á vista do Público.

Esperamos insofridamente pelo juizo artistico, que a Ex.ma Junta (já ha superlativo sem positivo) ha-de fazer. Crê-se que aproveitará os pensamentos e sentenças do Povo que ahi vai observar os desenhos. Este methodo de julgar as coisas é excellente, mas differe muito do que seguiu Apelles. Veremos se se lhe poderá aplicar o *ne, sutor, ultra crepidam.*

Para então nos guardamos.

Levarão a brutalidade ao fim, mas não se dirá que fosse por não admoestados.

(*Rev. Univ.*)

# C

## O remedio tomado pelo médico

(Fevereiro de 1843)

Appareceu, não ha muito, no Concelho de Almeirim um médico adventicio, bem falante, e por extremo serviçal.

Pouco se demorou na terra; mas n'esse *pouco* inçou-a de receitas, que, se todas são como a de que nos fala o snr. João José de Moura, valem por certo muito bons vintens.

Chamado por uma mulher para ver seu marido, que se jazia de cama, examinou-lhe a lingua e o pulso, mascou, palpou-lhe o ventre, e reconheceu que havia ali dentro uma grande opilação.

—Para isto de *opilações*,—disse elle—não conheço senão aguas-férreas, com sulfureto... de qualquer coisa; ou dissolução de oiro em ovo. Pela agua-férrea é que eu votava, se fosse estação para ella; como o não é, vamos ao segundo expediente. Venha um ovo, mas que não seja sèdiço.

Trazem-lh'o; abre-o dentro n'uma tijella. Para o mecher, recusa uma colhér que lhe offerecem, como nociva por certas qualidades do metal, e contenta-se com um pedacinho de pau.

Pede então que lhe lancem dentro cordões, brincos, anneis, qualquer coisa, mas que seja de oiro. Remeche, torna a remecher, tapa com um papel, e depois com um prato. Põe-n o á cabeceira do enfermo, e tornando a apalpal-o com toda a caridade, recommenda que lhe dêem aquillo a beber, com uma casquinha de limão, passadas tres horas pouco mais ou menos; que elle voltará no outro dia. E sai.

Passadas as tres horas, destapam a tijella. O oiro... tinha-se derretido, a ponto que nem rasto d'elle se via dentro.

Procuram o *médico*; alguma doença de pressa o tinha levado para outra parte. Não tornou a apparecer.

Os boticarios da visinhança registaram este novo remedio nas suas *Pharmacopêas*, com o titulo de «opio para asnos».

(*Rev Univ.*)

## CI

## Palpite

(Fevereiro de 1843)

Um honrado negociante d'esta cidade, chegando ao seu escritorio na quinta feira 26 do mez passado, véspera da extracção da lotaria da Misericordia, ouve pregoar na rua:

— ¿Quem se habilita aos cinco contos de réis?

Sente um impulso de tentar a fortuna... mas passageiro. Põe-se ao trabalho.

Passado pouco, renasce-lhe a tentação; dil-o aos caixeiros, mas acrescenta logo, que não quer ceder; e continúa na sua escrita.

Terceira vez lhe acode o mesmo pensamento.

— Decisivamente, hei-de entrar n'esta lotaria — diz elle levantando-se; e manda comprar um bilhete. Recebe-o; lê o numero 9:060.

—Bem;— exclama fechando o na carteira. — Já o não dava por 2 contos de reis; amanhan ás 9 horas e meia hei-de ter mais 12:500 cruzados.

Riram todos d'aquella fé. Cada um dos circumstantes fez algum dos commentarios

que em taes casos se costumam; e um d'elles, caixeiro da casa, requereu logo um vestido novo, se viesse a effeito a prophecia.

Na sexta feira ás 9 horas anda a roda; e o 2.º numero que sai é 9:060.

A's 9 horas e meia um dos melhores alfaiates da cidade talhava uma andaina de fato para o caixeiro; o qual hoje é de parecer que o painel, em que o Guido representou a Fortuna nua, deve ser emendado, vestindo-a com uma boa casaca de lemiste, e pondo-a em pé em cima de uma *roda*.

Conhecemos a pessoa, a quem ella d'esta vez favoreceu por um modo tão admiravel. Podemos affirmar, que nunca os favores da cega deusa foram mais bem empregados, ou recebidos por mais generosas mãos.

(*Rev. Univ.*)

## CII

## Versão paraphrástica de palavras de Jesu-Christo por uns festeiros de 1843

(Fevereiro de 1843)

«Se alguem quizer vir apoz mim, abnegue-se a si mesmo; largue tudo quanto possue; pegue da sua cruz, e siga-me» —disse o Fundador da Religião professada n'este Reino Fidelissimo.

Se alguem quizer vir á festa christan de 30 de Janeiro de 1843 na egreja da Misericordia de Lisboa, procure obter um bilhete nas vesperas; quando não, compral-o-ha no dia a algum dos traficantes que os andarem vendendo; vista casaca, enfeite-se,e entre.

Parte d'isso se disse; e tudo isto, e muito mais ainda, se fez.

A egreja esteve uma esplendida assemblêa; tudo n'ella era grandeza e luxo.

Se os Pescadores do Apostolado fossem bater áquellas portas, humildes e descalços como viveram, ainda que levassem o theatral bilhete podiam ter a certeza de não ser admittidos.

¡Que dizemos! a sacra Familia mesma, que ali se apresentasse, não acharia logar.

Era uma festa unicamente de Côrte; era um Christianismo de nova especie, reformado segundo os tratados da *etiqueta diplomatica*; um Christianismo aristocratico-perfumado; um Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Christianismo; um quináu de *bom tom* a todas as sebentarías de Santos-Padres e Concilios; um *improvement*; uma *renaissance*; uma religião applicada ás artes, para a qual trabalharam, mais do que os theologos, moralistas, e expositores, as modistas, os cabelleireiros, e os ourives.

Nada ali faltou, para que os *dillettanti* se podessem commodamente saborear na estrondosa musica de ambos os sexos; todo o salão... (vulgo egreja) estava cheio de bancos, da cadeiras, de tribunas.

Se tivesse havido (nem tudo lembra) o accôrdo de tapar todas as capellas, para se não ser distrahido do soberbo *golpe de vista* pelas imagens importunas de Santos democráticos e mal vestidos (como Santo Antonio, de corda á cinta e com os dedos á mostra, e S. Roque com a sua capa de peregrino, e outros quejandos, sem commenda nem casaca)... ¡que festa não houvera sido!

Oiça a posteridade, e creia-o se podér: a previdencia das commodidades, e a furia de fazer bem as *honras da casa*, tinham sido levadas a ponto, que nas duas tribunas, alçadas no arco cruzeiro e forradas de damascos e velludos bordados, nem sequer faltavam grandes vasos, não de flores, nem de perfumes, nem de doces, mas...

O que o *beduino* da rua do Oiro não perdoou a Bin Amour que fizesse na sua escada, podia fazer-se, e fez-se, n'aquelle templo,

onde se achava o Sacramento Exposto (e bem *exposto* que se elle viu em tal festividade).

Não estivemos lá; mas estes factos podemos affirmal os com juramento.

¿ Calar-se-ha toda essa Imprensa ?

¿ E' permittido (não dizemos a christãos mas ainda a moiros ou gentios) o deixar, em taes casos, de fazer com a palavra o que Jesu-Christo fez com o azorrague aos profanadores do Templo ?

(*Rev. Univ.*)

## CIII

## Uma de mil

(Fevereiro de 1843)

São 14 de Janeiro; fora de horas; toda a cidade está adormecida; as ruas, ermas e escuras.

Pela rua de S. Bernardo, á Estrella, vai passando taciturna e pausadamente uma patrulha.

Pára; ouviu gemidos angustiados; saem de uma pobre casa. Batem, chamam, repetem; ninguem abre; ninguem responde. Arrombam. Avistam sobre uma pobre enxêrga uma velha agonisando; correm poucos segundos, já não respira.

¡Assim se morre ao desamparo, de noite, depois de haver mendigado, talvez em vão, todo o dia, no meio de uma grande aglomeração de entes humanos chamada uma Capital, onde ha muito quem traga ao pescoço, nas orelhas, ou sobre os cabellos, o que bastaria para remoçar a duzentos velhos, salvar do perigo a duzentas donzellas, aproveitar para o serviço da Patria a duzentas creanças!!...

¡Oh! Se isto lembrasse alguma vez, uma vez por anno, no meio das alegrias feitiças de um baile.... ¡como aquelles chuveiros de brilhantes, que se alardeiam com vaidade, pareceriam chuveiros de lagrimas, de que andavam orvalhadas aquellas buliçosas flores sem perfume, de que a Moda compõe a sua grinalda, e que, em murchando, para ahi ficam, no desprezo de que a tempo se não souberam redimir!...

*(Rev. Univ.)*

## CIV

## O Monumento

(Fevereiro de 1843)

Posto que, argumentando por analogia, do que tem sido para o que tem de ser, pouca esperança nos resta de que este Monumento do senhor D. Pedro possa deixar de sahir-nos vergonhoso, persistiremos até á ultima em sustentar a causa da Arte, da Moral, e da Nacionalidade.

Se não convertermos os contumazes, haveremos illustrado aos de boa-fé.

Se não impedirmos o maleficio, haveremos deixado aos Portuguezes vindoiros, com que se consolem de uma vergonha monumental, respondendo aos Estrangeiros que lh'a exprobarem:

«Quando essa coisa ahi se fazia, por conluio de alguns poucos homens, que se diziam Portuguezes, contra esses homens e contra essa coisa bramia o nosso Portugal. O documento, aqui o tendes n'estas paginas independentes.»

Se o que escrevermos não valer como requerimento de embargo, valerá certo como historia de condemnação.

Estas nossas humildes columnas (saibam-n-o os pequeninos-grandes que lhes não respondem) não só hão-de durar mais que as de duzentos palmos de altura, mas, emquanto alguma de duzentos palmos de altura ahi estiver no meio de uma praça, como ré no peloirinho, exposta á vergonha dos seculos que passarem, voarão as nossas por toda a parte clamando contra ella pelas cidades, pelos palacios, pelos campos, pelos casaes, pelas terras, pelos mares, por todos os Reinos d'esse mundo; e a victoria de quem, pela teima brutal do poder, houver triumphado das rasões, sahir-lhe-ha bem dolorosamente descontada pelo desprezo de quantos tiverem olhos para ler, ou ouvidos para ouvir, e entendimento para julgar.

I

Houve, n'estes ultimos tempos, um Homem que a Natureza e a Fortuna fizeram grande, e que a Desgraça ainda tornou maior.

Duas vezes Soberano, e origem de duas dynastias em dois mundos, este Homem expirou, como simples soldado, sobre a terra onde nascêra para um Throno, e onde fundára e conquistára outro; e, legando o seu coração a uma cidade de valentes, desceu á sepultura armado, e sem mais diadema que o dos loiros.

As lagrimas de todo um Reino correram sobre a sua campa. Toda a Europa e todo o mundo, lhe deu um *vale* de saudade, porque viu apagar-se uma grande estrella no

firmamento politico; e a historia da civilisação registou nas suas paginas eternas aquelle Nome, envergonhador de tirannos, e envergonhador de escravos.

II

Duas obrigações deixou este Homem, por testamento, ao Povo por quem deu a vida: trabalhar para a felicidade, e trabalhar para a gloria.

Nenhuma das verbas d'este solemne testamento foi cumprida.

Com o ultimo som da salva funebre, como que se esvaneceu todo aquelle maravilhoso brio portuguez, que a sua virtude havia ressuscitado do fundo de um sepulcro de tantos seculos. Uma raça gigante, que avultára em torno d'elle, começou para logo a minguar, a envilecer-se, e a sumir-se.

Oito annos, apenas, se passaram, e já os dias, em que Portugal se presou de Portugal, se representam á phantasia como uma edade remota e fabulosa, tanto os homens que a sua alma aviventava decahiram, e os brios portuguezes, e as virtudes que d'elles provinham, e os milagres que por ellas se operavam, cederam a vez ao amor insensato das coisas peregrinas, á abjecção dos desejos, ás villanias e sordidezas de todo o genero.

Foi agora, que lembrou consagrar um monumento ao Autor da felicidade portugueza, quando d'essa felicidade, tão bem estreada por elle, nem já quasi vestigios apparecem.

III

Aos 17 de Outubro de 1842 cria-se uma Junta, para promover a feitura d'este Monumento.

Esta Junta, nem é de companheiros de armas do grande Homem, nem de artistas; é simplesmente de opulentos; era a ultima das qualidades, que se haviam de requerer em quem só tinha de pedir esmola.

A esta Junta se remettem, no dia mesmo da sua criação, uns desenhos, presentados ao Governo, para esse intento, por um tenor italiano, bem conhecido nos theatros da sua terra, e com patente de architecto n'esta nossa, por haver ahi riscado umas estufas, e uma ponte pensil em cima de um tanque de jardim.

Para o Duque de Bragança, renunciador de pompas, não era preciso mais do que isso; nem tanto. Qualquer vendilhão de Napoleões e papagaios de gesso houvera bastado.

Levantou-se um murmurio universal, vendo que, para alicerces do Monumento, se lançava lama, e que, para obsequiar a D. Pedro, se começava por uma afronta crua aos seus Portuguezes.

A Academia de Bellas-Artes, a quem a Lei ordenava se recorresse para quaesquer obras publicas e nacionaes, nem para árbitra fôra chamada n'este negocio, nem convidada foi para concorrente.

O tenor italiano, costumado a cantar

*L'ora aspetto del trionfo*
*Della mia felicità,*
*Del trionfo, del trionfo, del trionfo*
*della mia felicità, felicità, felicità, della mia felicità,*
*felicità, della mia felicità,*

não podia duvidar da fortuna.

Quiz fazer de generoso, para maior realce da sua gloria. Apresentando á Junta novos projectos seus, lhe pediu (ou antes lhe permittiu) que abrisse campo a concorrentes, ainda que portuguezes fossem.

*Non temer, con voi son io.*

Passava-se isto á vista da Estátua equestre, desenhada, modelada, esculpida, formada, e fundida, e posta ali para toda a eternidade, por Portuguezes.

E' verdade, que, alguns dias depois, dizia um jornal, impresso com typos tambem portuguezes, «que essa maravilhosa Estátua já estava muito vista, e representava um picador.» Só lhe faltou acrescentar, que um cavallinho de pau com um assobio na cauda (vindo, já se sabe, de Nuremberg) valia mais.

Desatadas as mãos á Junta pela generosidade do snr. Lodi, publicou ella aos 11 de Novembro, vinte e cinco dias depois da sua installação, um annuncio de concurso. Havia de este convite dirigir-se a Portuguezes unicamente, como logo ponderaremos; e dirigiu-se a toda a gente.

Havia de conceder toda a liberdade aos engenhos inventivos, mas limitar todas as circumstancias accidentaes e externas do desenho, para não virem a apparecer differenças de effeito, não resultantes de merito intrinzeco, mas unicamente de condições fortuitas, que, se para juizes artistas nada significam, valem muito, e valem tudo, para juizes leigos.

Ambas as coisas se fizeram pelo avêsso: á invenção, ataram-se-lhe as azas, dizendo-lhe que o Monumento havia de ser forçosamente com uma estátua; e á execução outorgou-se plena licença, contra o uso inalteravelmente seguido nas Academias italianas e francezas, que, apontando substancialmente a intenção, ou fim, do projecto que se requer, marcam logo a altura, largura, e côr, do papel em que deve ser desenhado; se com simplices contornos, ou assombreado; se com lapis, ou a aguarelas; que seja um desenho geometrico, de planta e alçado, etc.

Finalmente: fixava o convite para termo da apresentação dos desenhos, isto é para os inventar, fazer, corrigir, copiar, orçar, e expôr, cincoenta e um dias!!!!!!!!

*Fiat lux*; *et lux facta est.*

## IV

Era evidente, que nenhum verdadeiro artista nacional podia acceder a tal convite, não só pelas considerações já expendidas, mas tambem porque não viam um jury competente, onde fossem julgados.

Tudo os Reis podem fazer Marquezes, Duques, Governadores, Generaes; mas criar talentos ou sciencia, nem todo o Congresso de Laybach.

Os artistas não podiam ser sentenciados por uma Junta, que nunca havia riscado nem uma figura de entrudo, e que n'aquelle mesmo annuncio tão claramente o demonstrava.

Entretanto, era urgente que houvesse pelo menos uma representação de concurso. Para isto todas as providencias foram dadas; todas as tacticas postas em exercicio.

Cada um dos vogaes que tinha alguma influencia sobre um artista, empregou-a em obrigal-o.

Á Academia de Bellas-Artes disse-se, que, sabendo Sua Majestade haverem alguns dos Lentes feito, em outro tempo, projectos para o Monumento de seu Augusto Pae, se lhes ordenava que os apresentassem; e das Obras-publicas se trouxeram em feixe, sem licença de seus autores, quantos riscos, bons ou maus, feitos em diversas occasiões, lá se haviam reunido.

São tres factos, cuja moralidade e decencia por si mesmas se commentam.

*Apertæ sunt cataractæ cœli*, e choveram riscos, achando-se muitas pessoas concorrentes sem o terem sonhado: riscos de todos os tamanhos, de todas as côres, de todos os modos, uns assignados, outros anonymos, este calculado para uma praça, aquelle para outra, qual esboçado, qual em perspectiva, já com orçamento, já sem orçamento.

Era um cahos, como o descreve o Anguilara:

*Pria che'l ciel fosse, il mar, la terra, e'l fuoco,*
*Era il fuoco, la terra, il ciel e'l mare;*
*Ma'l mar rendeva il ciel, la terra, e'l fuoco,*
*Deforme il fuoco, il ciel, la terra, e'l mare;*
*Che ivi era e terra, e cielo, e mare, e fuoco,*
*Dove era e cielo, e terra, e fuoco, e mare.*
*La terra, il fuoco, e'l mare era nel cielo;*
*Nel mar, nel fuoco, e nella terra il cielo.*

V

Estes riscos, uns extorquidos á dependencia, outros arrancados da parte d'el-Rei, outros verdadeiramente furtados, subiram ao numero de vinte. Mandou a Junta expôl-os ás *provas publicas* na sala dos Paços do Concelho por espaço de uma semana.

Oito são columnas inteiras coroadas de estátua.

Quatro constam de um tronco, ou parte de columna, em que assenta a estátua.

Um é o templo da Gloria, com o Heroe no centro.

Outro, um arco de triumpho.

Os restantes seis, pelo de mais, formados de parte inferior, base, pedestal, e estátua.

Affluiram curiosos; viram; gostaram, ou desgostaram, e foram-se.

¿Para que serviu tal exposição?

Muito enleada se havia de ver a propria Junta, se nos quizesse fazer a honra de responder-nos.

¿Quem foi o Apelles, que por traz da cor-

tina esteve colligindo, pesando, e marcando, os quilates aos differentes juizos?

Ou a Ex.ma Junta (que Deus guarde e resguarde de tocar em artes) quiz ouvir os louvores e censuras, dados a cada uma d'aquellas obras pelas pessoas capazes de as avaliarem, ou não quiz. No primeiro caso, ¿quaes foram os meios que para isso empregou? No segundo, tal publicidade não passou de uma trapaça indecente, para enganar crédulos, ficando depois tão livre como d'antes para dar a palma a quem lhe aprouvesse.

Quanto a nós, que, nas coisas de interesse e crédito nacional, não conhecemos amigos nem inimigos, diremos o que d'esta phantasmagoria artistica, na sala do Concelho municipal, nos tem sido concordemente relatado por entendedores imparciaes.

## VI

Antes de tudo:

Nenhum dos vinte riscos se pode, nem por sombras, aparelhar com o da Estatua equestre; e sáia á frente quem o contrario defender. Alguns são inexequiveis, pela desconformidade da obra, com a praça a que se destina, e pela enormissima despeza que demanda. Ha outros, que são caprichosos, e até de pouco decoro para a Pessoa a quem se consagram. Outros ha, finalmente, mais accommodados ao assumpto, ao logar, ao tempo, e menos atrozes para as bolsas dos contribuintes.

Sôa que a Junta tenciona mandar todos

estes projectos a París para lá serem julgados. Fôra mais um ludibrio, mas não o acreditamos.

Por mais verosimil temos o outro boato, de que, rejeitados todos os riscos portuguezes, e limitada a questão á preferencia entre os estrangeiros, a decisão final só penderá da maior ou menor sagacidade ou influencia dos respectivos protectores.

De sete riscos estrangeiros, um pertence ao snr. Pezerat, engenheiro francez que nos dão por de grande merito; mas é um arco triumphal, e não condiz com a praça.

De quatro do snr. Lodi, tres são taes, que nem os seus apaniguados lh'os defendem.

Ficam logo unicamente na pendencia: um seu, um dos snrs. Rambois e Cinatti, outro dos snrs. Cinatti e Rambois; ou, mais propriamente ainda: só dois; o primeiro, e o terceiro d'estes.

VII

N'um jornal d'esta cidade vimos, em um longo artigo, de mão evidentemente italiana, arrancada aos dois excellentes pintores (e descortezmente arrancada) a palma, que todos á uma lhe conferem, e offerecida com o joelho em terra ao tenor do theatro de Milão.

Mas a columna d'este, sobre ser infinitamente inferior em mérito á d'aquelles, e má, ainda quando a não comparem com outra alguma (segundo afirmam quantos são artistas), e recordar nos seus baixos-relevos o que em eterno esquecimento devemos sepul-

tar—as nossas guerras fratricidas—é tambem de um dispendio, verdadeiramente incomportavel para estes annos que vão correndo, que, semelhantes ás vaccas famintas do sonho de José, já estão devorando a substancia dos futuros annos.

Diz se que, não obstantes estas rasões, o autor anda já, ha muito, cantando o seu triumpho.

—Estou fazendo o theatro para os Portuguezes—diz elle;—hei-de-lhes fazer o seu Monumento; e depois...

O insolente *depois*, proferido pelo snr. Lodi, não se pode imprimir, nem se quer pronunciar entre pessoas decentes. Mas nem é preciso; elle o sabe, e os leitores facilmente o advinharão. (Se o snr. Lodi quizer mais explicações, dal-as-hemos; é todavia prudente que não as requeira).

O snr. Lodi, atracando só para si as obras de todos os generos, faz-nos lembrar aquella deliciosa castelhanada:

«*Para todos, porque es un aparato de varias materias, donde el Filosofo, el Cortesano, el Humanista, el Poeta, el Predicador, el Teologo, el Soldado, el Devoto, el Jurisconsulto, el Matematico, el Medico, el Soltero, el Casado, el Religioso, el Ministro, el Plebeyo, el Señor, el Oficial, y el Entretenido, hallaran juntamente utilidad y gusto, erudicion y divertimento, doctrina y desahogo, recreo y enseñanza, moralidad y alivio, ciencia y descanso, provecho y passatiempo, alabanzas y reprehensiones, y ultimamente ejemplos y donaires, que sin ofen-*

*der las costumbres delecten el animo y sazonen el entendimiento.»*

VIII

Tratemos da columna dos snrs. Cinatti e Rambois.

E' esta imitada, na maior e melhor parte, d'aquelle eterno modelo da columna Trajana (é um louvor, e não uma censura).

Está riscada com grande esmero, e delicado gosto; presenta-se com toda a riqueza de perspectiva; porém (já o dissemos, e todos os contrastes da materia o confirmam) é descommunal para o logar; é descommunalissima para a nossa pobreza.

Para o logar, tem 200 palmos de altura, e 16 de diâmetro. Para a nossa pobreza, orçam-n-a em 178 contos, ou mais.

Ao primeiro inconveniente respondem:

«A columna de Londres tem de altura 297 palmos; a de Napoleão, em Bolonha, 238; a de Alexandre, em S. Petersburgo, 213; a Antonina, em Roma, 202; a de Austerlitz, em Paris, 209; a de Julho, em Paris, 224; a Trajana, em Roma, 198; e todas estas estão em praças mais pequenas, e cercadas de edificios que não são mais elevados que os do Rocio.»

Toda a fôrça d'esta resposta se desvanece, contrapondo a estes exemplos outros exemplos e rasões.

Cinco monumentaes columnas ha na Europa, e uma no Egypto, que é a de Pompeu, que todas são muito mais baixas; e se, de feito, são menores que o Rocio as praças onde torreiam aquellas columnas agi-

gantadas, é esse um erro que não temos necessidade de imitar, antes devemos fugil-o por uma simplicissima rasão optica: porque n'uma praça pequena não ha ponto distante, d'onde se possa disfrutar sem exfôrço uma estátua remontada ás nuvens.

Se, em realidade, as praças d'esses monumentos estrangeiros supracitados, e modernos, são tão acanhadas como se pretende, nenhum estrangeiro entendido lhes perdoará censuras n'esta parte; e quanto á Trajana e á Antonina, não foram ellas feitas pelos artistas habeis da Antiguidade no meio das praças onde estão, se não que os pedreiros e mestres-de-obras das edades barbaras, que depois vieram, lhes fizeram em derredor os edificios. Não é jamais o jardineiro, quem põe cogumelos ao pé de uma arvore preciosa; é o desleixo, a humidade, e a podridão, quem os faz nascer.

De eguaes deturpações á santa Antiguidade vai cheia e raza toda a Italia.

## IX

Ainda, emfim, n'estes pontos se poderá revolver a chicana; mas onde ella morrerá apenas levantar a voz, é na questão da fazenda.

Orçam os amigos dos snrs. Cinatti e Rambois toda a materia e obra da columna e estátua em 81:776$000 réis, com os seguintes dados:

| | |
|---|---|
| Palmos cubicos de marmore 76:000, a 180 reis..... | 13:680$000 |

| | |
|---|---|
| Escultura dos tres grandes baixos-relevos, e dos dois pequenos da frente..... | 14:000$000 |
| Trabalho geral, tanto de escultura em relevo, como da superficie de todo o monumento..... | 24:000$000 |
| Escada interior ..... | 1:000$000 |
| Cancêlo, parapeito, e porta de bronze..... | 5:000$000 |
| Alicerces, pouco mais ou menos..... | 4:000$000 |
| Jornaes de pedreiros, cordoalha, madeira, ferro..... | 10:000$000 |
| Andaimos..... | 4:000$000 |
| Bronze da estatua, 6:400 arráteis a 140 reis..... | 896$000 |
| Modelo..... | 2:000$000 |
| Fundição ..... | 3:000$000 |
| Metal esperdiçado..... | 200$000 |
| Total. ..... | 81:776$000 |

Calculando a altura do Monumento em 200 palmos, acabada a obra importará cada palmo em 408$880 reis.

X

Mas, consultados por nós, sobre cada uma d'estas verbas, homens praticos, e de consciencia, reformam-n-as como se vai ver.

**Pedra**

| | |
|---|---|
| Suppondo os pés cubicos calculados pelo circulo maximo | |

do Monumento, abrangidos os ornatos em alto relevo, não se põe duvida no seu numero. Mas, attendendo a que as pedras para o Monumento devem ser as maiores que possam vir em carros, para que fique havendo o menos possivel de juntas, e para que os ornatos não sejam feitos em pequenas porções, pela difficuldade dos seus contornos, e porque, compaginado de pequenas pedras, ficaria o todo um labyrinto de juntas desgraciosissimo, e maranhado de hervas e arbustos, que deturpam, desconjuntam, e devastam, não pode avaliar-se o marmore, posto no Rocio, por menos de 240 reis o palmo cubico; em logar dos 13:680$000.. 18:240$000

Para a escultura dos baixos relevos, os mesmos..... 14:000$000

## Tráfego da pedra

Desde que o marmore fôr lançado no arraial, até que descance perfeito no seu logar, todos os trabalhos que haverá com elle, de canteiro, de ornatista, de escultor, de pedreiro, de serventes, e acarretadores, por cada pal-

mo cubico 1:250 reis, em vez de 25:000$000..... 95:000$000
Cancêlo, parapeito, e porta de bronze, concede-se generosamente que sejam os mesmos..... 5:000$000

### Alicerce

Attendendo ao pezo do Monumento, á fraqueza e falsidade do terreno, não importará em 4:000$000, mas em.... 21:870$000

### Mecanismos

Cordas, madeira, ferro, andaimos, aparelhos para inçar, materiaes de alvenaria, nunca menos dos..... 14:000$000

### Bronze para a estatua

Concedendo, por favor, que bastem 6:400 arrateis, custando cada arratel 240 reis, importa a somma, não em 896$000 reis mas em..... 1:536$000

### Verba omissa

Para o cadastro de ferro, ou armação interna da estátua, que é feita de grossas barras de ferro quadradas, e que deitarão a mais de 80 arrobas, acrescendo 5 arrobas de chumbo para segurar os pernes que a estátua leva, por todos estes materiaes e seu feitio..... 200$000

| | |
|---|---|
| **Modelo** | |
| Attendendo a todo o trabalho e materiaes da escultura, em logar de 2:000$000..... | 3:000$000 |
| **Fundição** | |
| Para a fundição da estátua ha-de-se construir um forno proprio; condutores para correr o metal; receptáculo para modelo; um telheiro proporcionado para todo o trabalho; collocação de aparelhos para suspender, etc., cinzelar e doirar, em vez de 3:000$000 | 6:000$000 |
| Somma tudo, em vez de reis 81:776$000 ..... | 178:846$000 |

Acrescentaremos, que, tendo ouvido com attenção os fundamentos de cada um d'estes lanços, desenvolvidos com toda a minuciosidade de verdadeiros entendedores, temos por certissimo que ainda a obra dos snrs. Rambois e Cinatti haveria de deitar em custo muito alem: perto de meio milhão de cruzados.

XI

Já queremos pôr de parte a questão da nacionalidade.

«¡Mal entendido nacionalismo!» lhe chamou o artigo manifestamente *italiano*, a que acima alludimos, e que sahiu (sem commentario) n'um jornal *portuguez*.

Já por outras vezes havemos dito quanto basta n'este assumpto, a que ainda outro dia voltaremos com toda a fôrça, porque sabemos que ha ahi muito miseravel, que só de ouvir a palavra *nacionalidade* se enauseia; e, confundindo no seu atravancado cérebro as ideias mais distintas, cuida metter uma lança em Africa, argumentando com a necessidade que temos de estrangeiros para muita coisa util (hypóthese em que tambem nós os recebemos e festejamos), e inferindo d'ahi, que uma obra de luxo, e unicamente de crédito portuguez, pode e deve ser feita por mãos peregrinas.

Nós explicaremos a esses desgraçados: que o Monumento de D. Pedro, assignado com um nome estrangeiro, significaria ao mesmo tempo duas coisas contraditorias:

o seu cume diria: «Respeitae esta nobre terra que produziu um grande Homem»;

a base clamaria: «Escarnecei esta terra miseravel, que nem sequer um artista foi capaz de produzir.»

E' a estatua de Nabuco, com a cabeça de oiro e pés de barro: uma pedrinha, dá com ella em terra, desfeita.

E' a explicação *aretinica* da sodomia, mettida nos tratados casuisticos da Moral.

E' a palavra obscena, escrita pelo gaiato na parede branca da egreja.

E' o diabo, não pisado pelo Archanjo, mas agarrando se-lhe ás pernas para o derribar.

E' o *não*, a traduzir o *sim*.

E' o

*..... turpiter atrum*
*desinat in piscem mulier formosa superne.*

E' o

*.....pravo vivere Naso*
*spectandus nigris oculis nigroque capillo.*

E' o centauro, com cabeça de Doutor e patas de cavallo.

E' o casamento da gloria com a abjecção.

E' o circulo-quadrado convertido em marmore.

E' a meretriz, aplicando a Missas o produto do seu negocio.

E o consentil-o, seria n'um Povo o mais infallivel symptoma de haver já morrido, gangrenado no coração.

Mas (repetimol-o) outro dia iremos mais de espaço á montaria d'esta ideia bestial, até a exterminarmos como a pessima e funestissima de quantas por ahi correm.

Agora, só consideraremos a conveniencia moral de tal Monumento.

XII

Quando se falta, por pobreza, a quasi todas as coisas necessarias, é crime o gastar n'uma de luxo; e maior crime ainda, o querer persuadir que n'isso se faz uma obra meritoria.

Portugal, devorado de dividas internas e externas, crescentes e recrescentes de hora para hora como um incendio; vendo as suas melhores possessões a perder-se ao desamparo, ou em vesperas de cahir nas mãos de crédores inexoraveis; atormentado pelos seus *demonios familiares*, o luxo e a usura; sangrado simultaneamente em todas as artérias

e veias, offerece aos olhos do mundo o espectaculo mais lastimoso.

Requeria o senso intimo da conservação, que o dó que infunde á Europa o sentisse elle de si mesmo; e que, se a perguiça e prodigalidade o perderam, recorresse, para salvar-se, á economia e ao trabalho. Das summas cabeças deviam descer para o Povo as exhortações e exemplos de ambas estas virtudes.

Não é assim.

Quando, desleixada a lavoira, insufficiente a industria, nulla a navegação, exhausto o cofre público, crescendo a penuria nas casas, e a mendicidade nas ruas, o Governo é ainda forçado, por circumstancias imperiosas, a propôr aos Legisladores novas sementes de penuria, de mendicidade, de prostituição, de roubos e de anarchia; quando as viuvas e filhas dos Soldados, dos Coroneis, dos Generaes, mortos no serviço da Patria, estão em vesperas de perder a metade da fatia que lhes restava, e de vender, por um pouco de pão negro, as tranças e a derradeira camisa; apresenta-se uma Junta de millionarios dizendo a este Povo:

— Façâmos uma grande obra: edifiquemos (á vossa custa) um Monumento, que não produzirá coisa alguma, porém que servirá de perpetuar o que já está perpetuado. Empregados publicos, a quem se não paga; negociantes, que passeais á borda do Tejo ermo; cidadãos, que não tendes presente nem futuro; soldados, que libertastes a Patria, e só colhestes feridas, dae todos pelo menos o pão de um de vossos dias para esta obra.

Um Italiano, que já escolhemos, vol-a fará com a maior pompa.

O diabo, no deserto, tentando ao Salvador, não teve, pelo menos, o descaramento de lhe dizer: Muda esses pães em pedras; mas só: Muda estas pedras em pães.

Se D. Pedro vivêra, e se nos visse, e visse ahi um monte de marmore inutil, e um estrangeiro a querer compral-o, houvera-o logo mandado carregar nos navios do estrangeiro, e repartido o preço por entre os seus Portuguezes, que se morriam á fome.

Parecia que já a Economia politica tinha tempo de haver desterrado a mania das edificações estéreis.

Antes da Imprensa, ainda ellas tinham uma desculpa: eram a Historia, posto que imperfeita, e limitada em logar e em tempo.

Mas, depois que o Livro, mais explicado, mais perduravel, e mais diffusivo, do que o marmore, appareceu e se mutiplicou, o Monumento ficou sendo um luxo exótico, só desculpavel em quem não sabe ler, nem o que ha-de fazer dos seus cabedaes amontoados.

A Economia politica sorri de lástima, olhando para este oiro enterrado onde não pode germinar, como qualquer creança apuparia ao alienado, que andasse semeando o seu trigo no Oceano.

Dois monumentos deixou de si D. João V: um convento n'um deserto, e um aqueduto para a Capital. Abençôa-se e conserva-se o aqueduto; deixa-se cahir em ruinas o convento.

Será essa d'aqui avante a sorte de todos os monumentos estéreis.

XIII

Se haveis medo (não o havemos nós) de que o nome e gloria de D. Pedro se possam jamais perder; se julgais que só a materia o fixará, como sobre um papel se põe um fruto de jaspe para que não fuja com o vento, alçae-lhe embora um padrão; mas que não seja como o fruto de jaspe, que não contém semente alguma de que se possam aguardar frutos.

Ampliae e dotae Runa para os inválidos; asylos de instrucção e confôrto para os dois extremos da vida; fundae aldeias; arroteae campos para novos colonos; estabelecei uma qualquer industria; abri um canal ou uma estrada; dae-nos uma fonte, um hospital, um mercado, ou um passeio; imprimi e derramae gratuitamente algumas obras de illustração; realisae escolas, e premios para a Agricultura.

Se o empenho eram Artes.... tratassem das Artes portuguezas; estimulassem os nossos artistas, em vez de os afugentarem.

E, ainda em relação a ellas e a elles, podiam fazer coisa melhor do que estes monumentos: empregassem esse dinheiro em subsidios, para nas escolas da Academia se manterem alguns alumnos, que de annos para annos vão a menos por falta de meios.

XIV

Resumâmos, concluindo:

Nem D. Pedro carece de um Monumento, nem Portugal lh'o deve ou pode erigir.

Um Monumento d'estes, no meio da Capital de hoje, faria rir o mundo, como um alfinete de brilhantes na camisa suja de um mendigo faminto, esfarrapado, e descalço.

Converter o pouco pão, que ainda ha, em pedra, é absurdo que nem passou pela cabeça do diabo. D. Pedro, vendo do alto d'aquellas pompas o seu Povo mendigo, só não coraria nem choraria... porque os seus olhos e faces seriam de bronze.

Determinava uma regra dos Frades Bernardos, que nunca, em sexta-feira santa, faltasse no refeitorio peixe de posta (quer o houvesse, quer não). Se com os bens dos Bernardos herdámos tambem o seu juizo e a sua regra; se queremos á força um Monumento (haja ou não haja dinheiro para elle), façâmos um Monumento digno do Principe e do Seculo: uma fundação ou edificação productiva; e chamemos-lhe DE DOM PEDRO.

N'esse caso, mas só n'esse, admittam se a concurso os mestres de todo o mundo, porque já se não trata de gloria estréme, porém de proveito.

O projectado *Monumento com estátua* sería pois uma vergonha; feito por um estrangeiro, duas vergonhas; feito com esmolas forçadas de pobres... tres, trezentas, tres milhões de vergonhas. E certo que *forçadas* hão-de ser as esmolas para a columna do snr. Lodi, ou do snr. Cinatti. Livremente, ninguem, que *portuguez* seja, concorrerá para ahi com um unico seitil.

XV

¿Servirá de alguma coisa quanto havemos prégado? Perto está o *theatro agrião,* que nos responde.

Não importa. Se não valer como requerimento o que escrevemos, valerá diante da Posteridade como protesto.

(*Rev. Univ.*)

FIM DO TERCEIRO VOLUME

# INDICE


| | Pag. |
|---|---|
| LXVI—Acclamação de D. João IV..... | 5 |
| LXVII—Enigma fossil..... | 9 |
| LXVIII—Prisão de salteadores..... | 13 |
| LXIX—Industrioso furto... ..... | 15 |
| LXX—Violencias do mar..... ..... | 17 |
| LXXI—Mais violencias do mar..... | 21 |
| LXXII—Perigos de observar á risca o Mahometismo.... ..... | 23 |
| LXXIII—Sociedade dos «Amadores da scena portugueza»..... | 27 |
| LXXIV—Theatro da rua dos Condes..... | 31 |
| LXXV—Et erunt duo in carne una..... | 35 |
| LXXVI—Os arcos das Aguas-livres ..... | 39 |
| LXXVII—Connubilidade do carrasco..... | 41 |
| LXXVIII—Como de um homem grande se faz um grande homem..... | 45 |
| LXXIX—Nariz phénix..... ..... | 49 |
| LXXX—Medicina de brutos..... .. | 53 |
| LXXXI—Preciosidade artistica..... | 57 |
| LXXXII—¿Então, quem salvou o Moiro?.. | 61 |
| LXXXIII—Estreias do novo anno..... | 69 |
| LXXXIV—Macrobia militar..... .... ... | 73 |
| LXXXV—Raridade zoologica..... | 77 |
| LXXXVI—A fera enigmatica..... | 79 |
| LXXXVII—Ainda escapámos d'esta vez..... | 83 |
| LXXXVIII—A egreja de S. Francisco..... | 85 |
| LXXXIX—Um reformador de cartorios.... | 89 |

Pag.

XC—Fama..... 91
XCI—Estupendo phenomeno..... 93
XCII—Miscellanea noticiosa..... 95
XCIII—Um queimado por contumácia.. 101
XCIV—Um Santinho.. ..... 103
XCV—Irrigação..... 109
XCVI—Torre do Tombo... ..... 113
XCVII—Cautella com cautelas..... 115
XCVIII—A infamia nas cans..... 117
XCIX—Monumento com estatua..... 123
C—O remedio tomado pelo médico. 129
CI—Palpite..... 131
CII—Versão paraphrástica de palavras de Jesu-Christo por uns festeiros de 1843..... 133
CIII—Uma de mil..... 137
CIV—O Monumento..... 139

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—1150

PQ
9261
C34C35
v.3

Castilho, Antonio Feliciano
Casos de meu tempo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 014 1